

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE PEDAGOGIA

**Construções identitárias da criança negra e relações etnicorraciais
no ensino fundamental**

São Gonçalo

2011

Michelle Almeida de Carvalho

**Construções identitárias da criança negra e relações etnicorraciais
no ensino fundamental**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do
título Graduada ao Programa de Graduação em Pedagogia da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Professora Doutora Regina de Fatima de Jesus

São Gonçalo
Novembro/2011

*Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua
Identidade, confundida em suas perspectivas submetidas a exigências
Compelidas as expectativas alienadas. Mas é também a experiência
de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades*

Neusa dos Santos Sousa (1990)

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

C331 Carvalho, Michelle Almeida de.
Construção identitária da criança negra e relações etnicorraciais no ensino fundamental / Michelle Almeida de Carvalho. – 2011.
68p.

Orientadora: Regina de Fátima Jesus.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Identidade étnica – Educação de crianças. 2. Cotidiano escolar – São Gonçalo (RJ). 3. Relações raciais – São Gonçalo (RJ)I. Jesus, Regina de Fátima. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

CDU 37-053.2(815.3)

Michelle Almeida de Carvalho

**Construções identitárias da criança negra e relações etnicorraciais
no ensino fundamental**

Monografia apresentada ao Departamento de Educação da
Faculdade de Formação de Professores da Universidade do
Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a
obtenção do grau de licenciada em Pedagogia

APROVADA EM _____

Profª Drª Regina Fatima de Jesus (orientadora)
Departamento de Educação da FFP/ UERJ

Profª Drª Jacqueline de Fátima dos Santos Morais (parecerista)
Departamento de Educação da FFP/ UERJ

São Gonçalo
2011

Dedicatória:

Dedico este trabalho a todos(as) que estiveram comigo nesta caminhada e que, de certa forma, contribuíram para a realização deste projeto.

Agradecimentos:

A Deus por ter me dado saúde para concluir esta etapa.

Um agradecimento especial a minha orientadora Regina de Fatima de Jesus, pelo apoio e confiança em meu trabalho, pelos “puxões de orelha” que na hora eu não gostava nem um pouco, mas foram necessários para o meu crescimento; e por estar sempre presente quando precisei.

A minha mãe Irani por estar sempre presente e me incentivando para que eu nunca desistisse dos meus ideais.

Ao meu filho Guilherme, que é a razão da minha vida.

Aos meus amigos e amigas, por entenderem minha ausência, e mesmo quando eu não estávamos juntos, eles(as) estavam presentes em meu coração.

A minha turma de Pedagogia do ano de 2006, pois com ela eu vivenciei os melhores momentos da minha vida na faculdade.

As minhas amigas Luiza e Cinthia, do grupo de pesquisa “Compartilhando experiências – possibilidades para implementação da 10.639/03 nas escolas públicas gonçalenses”, do qual eu cheguei a fazer parte, pelo carinho demonstrado por mim.

A todos do Ciep 045 do Porto do Rosa ,pois foram peças fundamentais na conclusão desse trabalho.

Resumo

O Presente trabalho monográfico refere-se à construção identitária das crianças negras no ensino fundamental, buscando compreender como elas se vêem e como vêem os outros no cotidiano escolar e na sociedade. Busco, também, perceber como a escola como microespaço social trabalha as questões raciais, valorizando ou não o pertencimento etnicorracial das crianças, visto que a sociedade é racista e muitas vezes a escola como parte da sociedade acaba por reproduzir este comportamento, ou por desvalorizar o que não pertence a chamada “raça dominante”, ou por omissão frente a práticas discriminatórias e racistas com as quais, geralmente, convive o aluno afrodescendente.

Assim, nesta pesquisa realizada em uma escola pública de São Gonçalo investiguei como são constituídas as relações etnicorraciais no cotidiano escolar, o que os/as professores/as pensam sobre a lei 10.639/2003 e como resolvem problemas de conflitos raciais no interior da instituição escolar, além de investigar como a escola trabalha no sentido da valorização da diversidade presente neste microespaço. Outros sujeitos cotidianos – os funcionários da escola, também foram ouvidos, pois participam da dinâmica escolar e percebem as relações que se estabelecem fora da sala de aula.

Pautada em referenciais teóricos que discutem o preconceito racial na sociedade e seus efeitos no contexto escolar, bem como as práticas pedagógicas de caráter antirracista, trago ao diálogo alguns/algumas autores(as): Assis (2006), Gomes (2002, 2005), Henriques (2001) Jesus (2004, 2010) Munanga (1999) Santos (1990), Souza (1999). São autores que discutem de que forma o racismo no Brasil prejudica a construção da identidade de crianças afrodescendentes e como a escola e seus sujeitos podem contribuir para combater práticas racistas.

Palavras-chave: racismo, cotidiano escolar, relações etnicorraciais, construção identitária.

ABSTRACT

The Present monograph refers to the identity construction of black children in elementary school, trying to understand how they see themselves and how others see in everyday school life and in society. Also seeks to understand how the school works as a social microgap racial issues, valuing or not belonging ethnicracial of children because that society is racist and often the school as part of society ends up reproducing this behavior, or by lowering does not belong to so-called "master race", or omission against racist and discriminatory practices with which, generally, students of African descent live.

Thus, this research conducted in a public school of São Gonçalo investigated how the relationships are formed ethnicraciais in school life, what teachers think about the law and how to solve problems 10.639/2003 racial conflicts within the school, as well as investigating how the school works towards the enhancement of the diversity present in the microgap. Other everyday subjects - school officials, were also heard, as part of the school and perceive the dynamic relationships that are established outside the classroom.

Guided by theoretical frameworks that discuss racial prejudice in society and their effects on school context and the pedagogical practices of anti-racist character, dialogue bring some important authors (s): Assis (2006), Gomes (2002, 2005), Henriques (2001) Jesus (2004, 2010) Munanga (1999) Santos (1990), Souza (1999). They are authors who discuss how racism in Brazil affect the construction of the identity of children of African descent and how the school and its subjects can help to combat racist practices.

Keywords: racism, school life, relationships ethnicraciais, identity construction.

SUMÁRIO

Introdução.....	p.11
Encontro de minha história de vida com o tema de monografia.....	p.12
Objetivo.....	p. 17
Metodologia	p.18
A escola – o encontro com o campo da pesquisa.....	p.20
A pesquisa: As Oficinas Pedagógicas – descobertas.....	p. 23
O que pensam os sujeitos cotidianos – as entrevistas	
Identidade racial brasileira.....	p.37
Preconceito racial tem cor e sexo.....	p.41
Em busca da superação da desigualdade racial.....	p.43
Percepção da lei 10.639/2003 pelos professores.....	p.46
Conclusão.....	p.51
Referências Bibliográficas....	p.53
ANEXOS:	
1. Entrevistas	p.55

Construções identitárias da criança negra e relações etnicorraciais no ensino fundamental

Introdução

O município de São Gonçalo tem uma população majoritariamente afrodescendente, da qual, grande parte dessas crianças e adolescentes está inserida no contexto escolar. E se é na escola que a criança tem, em geral, um dos seus primeiros contatos de socialização depois do ambiente familiar, também é neste campo que se iniciam os primeiros conflitos etnicorraciais, pois a criança começa a construir ou a desconstruir sua identidade pautada no “outro”, pois como nos diz Nilma Lino Gomes em relação à identidade: *Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros* (GOMES, 2005, p.41). Então é através das experiências e vivências que o ser humano se constrói como sujeito, nunca de maneira isolada, mas sempre em contato com os “outros”.

E neste contato com o outro se descobre o diferente, ou seja, *se há o diferente é por que há o não diferente* (SILVA, T. T, 1999, p.87), e descobre ainda que, sendo o diferente, não é bem visto, não é aceito, pois o padrão que a sociedade impõe é eurocêntrico (branco, europeu) deixando que nossas crianças e adolescentes negros fiquem excluídos/as em uma sociedade que se diz democrática.

O ambiente escolar, ao atuar numa perspectiva eurocêntrica, perpetua esta prática excludente, pois a criança negra é submetida a uma violência simbólica, manifestada pela ausência da figura do negro no contexto escolar (livros didáticos, histórias infantis etc) que quando aparece é sempre seguido de estereótipos negativos. Além disso, os alunos negros são alvos de vários “apelidos” que o depreciam e o estigmatizam cotidianamente, criando na criança, muitas vezes, o desejo de apagar do seu corpo suas marcas negróides, pois estas causam vergonha e inferiorizam, fazendo com que almeje pertencer à raça “dominante” conforme nos diz Regina de Fátima de Jesus: *a ideologia do branqueamento sob a qual foi construída a sociedade brasileira “convida” negros e negras, de acordo com a maior ou menor proximidade com o ideal brancocêntrico, a igualar-se* (2004, p.268). E é neste campo que realizo minha pesquisa com alunos do ensino fundamental, pois estes estão em transição da fase infantil para adolescência e o pertencimento etnicorracial, bem como a percepção da aceitação que têm na sociedade, começam a se tornar mais visíveis nesta fase.

Encontro de minha história de vida com o tema de monografia

É difícil escrever diante de um papel em “branco”, principalmente em relação às nossas experiências de vida, por isso busco referência na aluna “negra” que fui desde a educação infantil, perpassando toda minha trajetória escolar, até o presente momento, como aluna negra de uma universidade pública estadual. E, neste sentido, coloco o desejo de pesquisar e entender como se dão as relações etnicorraciais e como essa diversidade racial da sociedade brasileira tem sido trabalhada em função do pertencimento etnicorracial dos alunos presentes nas instituições públicas, mais especificamente no ensino fundamental, meu foco nesta pesquisa.

Tendo o tempo de pesquisa como limite, preciso delimitar, também, o meu campo de pesquisa. Sendo uma pesquisa de caráter qualitativo e não quantitativo, desenvolvi minha investigação em apenas uma escola pública do município de São Gonçalo. Considero que assim, poderemos ter uma visão melhor de como tem se estabelecido tais relações no cotidiano escolar de instituições que atendem à comunidade gonçalense, majoritariamente afrodescendente e perceber, também, o pertencimento etnicorracial dos alunos e como são construídas as relações no espaço público, mais especificamente no cotidiano escolar.

Trazendo minhas lembranças da infância, do tempo de menina, lembro-me que o fato de ter entrado em uma escola com três anos de idade e ter tido uma professora negra, “a tia Tânia”, foi muito importante para mim, pois eu me reconhecia nela até mesmo para chamar de tia, pois para uma criança de apenas três anos de idade, por vezes, a escola é uma extensão da família, e assim eu cresci.

Jesus (2004) nos traz essa reflexão das “tias negras” que pode ser reconhecida como uma das nossas heranças africanas: *assim são também as professoras-Ialodês-mulheres negras que cuidam que formam e transformam que ajuda seus alunos e alunas a dizerem a palavramundo* (2004, p. 97).

Cresci ouvindo, na escola, aquele discurso de que *somos todos iguais*. E a gente acaba crescendo tentando acreditar nisso, e quando cresce, de verdade, sabe que não é bem assim. Pois conforme o pensamento de Gomes (2002) *Uma coisa é nascer criança negra, ter cabelo crespo e viver dentro da comunidade negra; outra coisa é ser criança negra, ter cabelo crespo e estar entre brancos* (GOMES, 2002, p.25).

É claro que sobre muitas questões a gente não pensa, aliás, não busca pensar sobre, como um mecanismo de defesa. Eu, por exemplo, quando criança não pensava

em como são tratadas as questões raciais, para mim foi sempre da seguinte maneira, branco era branco, moreno era moreno e negro era negro, mas de uma coisa eu sabia: “ninguém queria ser negro”. Hoje vejo que, na verdade, o que queria era fugir desses estereótipos discriminatórios. Eu sabia que era negra, mas não queria me reconhecer como tal e isso encontra respaldo na abordagem feita por Kabengele Munanga (1999, p.120) quando diz que: *o brasileiro foge de sua realidade étnica*. Isso é verdade, faz parte de nossa história, evidencia-se nas pesquisas e no cotidiano de quem sabe, “na pele”, o que é ser negro/a na sociedade brasileira.

Para Jesus (2004), a negação da identidade afro-descendente, está no fato da valorização do padrão europeu, tido como superior

...por isso, quem pode fugir um pouco, foge, e ao fugir das “marcas de origem”, passa a espelhar-se no outro, nega o pertencimento étnico racial, seguindo a ideologia hegemônica, referenciada nos valores, nos padrões éticos, estéticos europeus em nome da construção de uma identidade nacional que nega a própria identidade dos(das) afro-descendentes (2004, p.138).

Lembro-me que uma vez a professora pediu para fazermos uma redação nos descrevendo fisicamente, não lembro o nome da professora nem o conteúdo ou a disciplina trabalhada, mas eu devia ter uns dez anos de idade em uma sala de aula com trinta e cinco alunos, mais ou menos. Eu me recordo que só havia três negros na sala. Eu não li a redação de todos, mas na redação feita pela aluna Alessandra, que era minha amiga e também era negra, havia a descrição de que era *mulata*. Eu não me fiz de rogada e me descrevi como *mulata escura*. Os estereótipos estão presentes na escola e, principalmente no ensino fundamental é naturalizado o fato das crianças colocarem apelidos umas nas outras. Por exemplo, quem usava óculos era chamado de *tartaruga*, *quatro olhos*, os muito brancos, *macarrão sem molho*, quem era muito alto e magro, *pau de virar tripa*, baixo, *anão de jardim ou pequenês*, e quem era negro, era *macaco*, *encardido*, *crioulo*, *cabelo de bombril*, *cabelo de pau*, e quando se usava tranças, *medusa*.

Ao refletir sobre as experiências das professoras negras, Jesus (2004) traz os estudos de Gomes e nos diz que: *Os próprios apelidos vinculam o tipo de cabelo negro a algo inferior artificial (bombril), a elementos da natureza (ninho de passarinho), dentre outras associações depreciativas que bem conhecemos do contexto escolar (JESUS, 2004 p.136).*

Tais tratamentos de cunho pejorativo perduram no universo infantil e seguem na adolescência. Ou seja, a estigmatização e a humilhação pelas quais passa uma pessoa por causa de alguma diferença, acaba transformando a diferença em inferioridade, em tratamento desigual. No entanto, eu sempre soube, desde criança, que quem usa óculos, um dia poderia parar de usar, muitas coleguinhas que eram muito magras, na puberdade o corpo mudaria etc, mas quem era negro não iria deixar de ser negro e ser negro era uma diferença vista como negativa e inferior e, assim, o tratamento era, também, desigual.

O aluno negro não tinha espaço de reconhecimento na escola, para você ser notado tinha que ser extremamente inteligente ou ser o mais bagunceiro, senão ficaria em um canto esquecido. O que eu percebia no cotidiano escolar durante minha trajetória como aluna e que, muitas vezes ainda percebo nas escolas visitadas para o Estágio Supervisionado ou outra atividade do Curso de Pedagogia, encontra respaldo no dito por Neusa Santos Souza:

Ser o melhor! Na realidade, na fantasia, para se afirmar, para minimizar, compensar o “defeito”, para ser aceito. Ser o melhor é a consigna a ser introjetada, assimilada e reproduzida. Ser o melhor, dado unânime em todas as histórias-de-vida.

Para o negro, entretanto, ser o melhor, a despeito de tudo, não lhe garante o êxito, a consecução do ideal. É que o Ideal do Ego do negro, que é em grande parte constituído pelos ideais dominantes, é branco. E ser branco lhe é impossível (SOUZA, 1990, p. 40)

Eu, apesar de tímida, tirava boas notas “não por me reconhecer inteligente”, mas porque havia entrado na escola muito cedo, tinha aprendido a ler com cinco anos de idade e gostava de fazer as tarefas, ou seja, já tinha me adaptado ao tempo escolar e à sua dinâmica e, a partir do dito por Souza (1990), seria muito difícil, naquele contexto, reconhecer-me como “inteligente,” pois isto não era falado, o máximo devia ser “que eu era uma menina esforçada”.

Hoje consigo compreender o que antes presenciava, mas não questionava, porque estava naturalizado, pois a escola é parte da sociedade e não está apartada dela, por isso, a escola vai refletir o todo social. Eu presenciava as situações todo o dia “embora não notasse”: matrizes negras e indígenas só eram citadas na época do folclore, mais especificamente, no dia do índio, na “libertação dos escravos”. E era somente essa a referência que se tinha sobre os negros. Assim Jesus (2004) nos ajuda a argumentar sobre a questão quando diz que:

... O que temos referência nas escolas são materiais didáticos que negam aos negros e negras o lugar de protagonistas na História do Brasil, trazendo

como herança do segmento negro da população apenas a escravidão e não se reportando à origem africana da população (JESUS, 2004, p.)

Desta forma, eu via a princesa Isabel como uma mulher muito generosa e os negros como uns “bocós”, afinal de contas, as imagens que eu tenho dos livros didáticos eram negros sempre em uma posição inferior, sendo subjugados pelos brancos. Eu via, mas não sabia que fazia parte de uma ideologia. Assim, eu sempre morri de vergonha, quando o assunto de escravidão era abordado em sala de aula, parecia que todos os olhares se voltavam para mim, e isso me deixava furiosa e incomodada.

É muito difícil uma criança negra na escola não sofrer de uma baixa autoestima, pois geralmente a escola é um dos primeiros meios de convívio da criança em sociedade, depois do círculo familiar, e é muito importante analisar até que ponto a escola trabalha no sentido de eliminar o preconceito racial entre seus alunos, mesmo por parte dos professores, que, de certa forma, não dão assistência ao aluno negro e acabam não interferindo em situações cotidianas que revelam preconceito e discriminação por parte dos demais alunos. Em geral, o discurso que sempre ouvi, se repete: *aqui todos são iguais!*

O que eu vejo agora, porque passei a compreender, tendo em vista que há anos atrás eu não tinha este pensamento, nem nunca havia me questionado em relação ao porquê das coisas serem desta forma, pois para mim o lugar de cada um na sociedade já estava demarcado, o branco como o mais belo e inteligente tinha sempre que ser superior e o negro desprovido de beleza e por isso subjugado, condenado a sofrer todos os tipos de humilhação somente pelo fato de ser negro.

Hoje, dez anos depois de ter concluído o ensino médio, eu me vejo levantando todas essas questões que eu vivenciava no dia-a-dia e não percebia ou invisibilizava, pois não sabia e não tinha interlocutores que reconhecem a importância de desvelar o mito da democracia racial, por reconhecerem que esta sociedade é racista e a escola, em seu cotidiano, reproduz práticas racistas. Hoje posso dialogar com quem busca compreender como a ideologia do branqueamento: *Ideal esse perseguido individualmente pelos negros e seus descendentes mestiços para escapar aos efeitos da discriminação racial* (MUNANGA, 1999, p. 101), ainda se faz presente em nossa sociedade e o quanto a escola ainda corrobora com tal ideologia. Hoje consigo perceber o quanto é importante, para a transformação da realidade, que se investigue no cotidiano escolar como ainda se estabelecem as relações etnicorraciais neste espaço, como a diversidade racial é trabalhada em função do pertencimento dos alunos presentes nas

instituições públicas que é onde se concentra o maior número de alunos afro-descendentes. Acredito, por minha própria história de vida, que é preciso desvelar a realidade em busca de possibilidades emancipatórias e, por isso, resolvi escolher como temática de pesquisa a reflexão sobre as relações etnicorraciais no cotidiano escolar de ensino fundamental.

OBJETIVOS

Com esta investigação que me propus realizar no cotidiano de uma escola pública, do município de São Gonçalo, busco trazer questões e tecer reflexões que considero muito importantes para compreendermos a construção identitária das crianças negras e as relações etnicorraciais no cotidiano escolar. Além disso, pretendo buscar compreender como os alunos agem/reagem quando se deparam com assuntos que envolvem questões etnicorraciais, a discriminação e o preconceito no cotidiano, como isso os afeta e que imagem fazem de si próprios e do(s) outro(s); em que pressupostos eles constroem suas identidades e se consideram respeitados ou não pelo seu pertencimento etnicorracial. Importa, ainda, perceber se a escola trabalha e como é trabalhada a diversidade no microespaço que é a escola.

Então, assim como nos ensina Amadou Hampâtè BÂ (1982, 2003), ao trazer a tradição oral africana, *me mantive sempre à escuta* para ouvir o que aquele microespaço poderia me dizer, a partir das vozes dos sujeitos cotidianos: alunos, professores e demais profissionais que interagem no ambiente escolar.

Por isso foram necessárias várias visitas e o roteiro da pesquisa se modificava conforme a necessidade que se fazia presente no momento. Ou seja, o processo de pesquisa foi definindo o que era possível e o que não era possível realizar. Foram muitas idas e vindas à escola, apesar dos professores se mostrarem receptivos à pesquisa. Em algumas vezes, mesmo tendo agendado visita, não pude realizar as atividades, pois os alunos estavam envolvidos em outras tarefas rotineiras que demandavam tempo e urgência na realização, ou eram liberados mais cedo por falta de água na escola, por exemplo. Em alguns momentos, os professores não dispunham de tempo para me conceder a entrevista. Mas, como toda relação humana, a relação da pesquisa envolve sujeitos, é uma relação subjetiva e, neste sentido, fomos fazendo acordos, negociando horários e possibilidades para que a pesquisa pudesse se desenvolver a contento.

METODOLOGIA

A pesquisa, de caráter qualitativo, buscou em seu processo, uma maior interação com o campo a ser estudado assim conforme nos diz Bogdan e Biklen (1982, p. 49): *Todos os dados da realidade são considerados importantes, incluindo-se as transcrições de entrevistas e de depoimentos, assim como outros tipos de documentos que comunicam informações valiosas para legitimar a investigação*; deste modo a realização de entrevistas estruturadas, semi-estruturadas e não-estruturadas com professores(as) e funcionários(as) da escola, foi de suma importância, pois deste modo foi possível colher o maior número de informações e compreender através de conversas até mesmo informais, o que pensam e como agem os sujeitos quando se deparam com questões de remetem à identidade etnicorracial e quais são suas contribuições na formação identitária dos alunos para que todos, dentro de seu pertencimento etnicorracial, se sintam valorizados.

Assim, também através da observação do cotidiano de uma escola pública, de ensino fundamental, mais especificamente em turmas de 5º ano, o fato de ter acompanhado a rotina dos alunos em sala de aula e nos intervalos: pátio, recreios, inclusive nas aulas de Educação Física, foi muito importante. Também foram feitos questionários e um projeto de intervenção, por meio de Oficinas Pedagógicas realizadas com alunos do quinto ano.

O projeto que desencadeou o processo investigativo para a monografia, havia sido pensado, inicialmente, para a disciplina de Estágio Supervisionado II¹, na qual eu estava matriculada no primeiro semestre do ano de 2011. A atividade de estágio, além da visita e observação da realidade de uma escola de Ensino Fundamental, pressupunha o planejamento de uma aula para a turma em que estivéssemos estagiando.

Conversando com minha orientadora sobre a realidade escolar e sobre meu interesse de pesquisa, propusemos um projeto de intervenção e não, meramente uma aula, tendo em vista iniciar a pesquisa para o trabalho monográfico neste espaço que consideramos pertinente com a proposta de investigação.

Ao término do período de estágio, continuei na escola desenvolvendo minha pesquisa, que ora apresento em forma de trabalho monográfico.

¹ A Disciplina foi ministrada pelas professoras Helena Amaral de Fontoura e Gianine Maria de Souza Pierro.

Neste sentido, entrevistas abertas foram realizadas com os alunos a fim de ouvir suas opiniões sobre seu pertencimento etnicorracial: como se vêem e como vêem os outros; como se sentem na escola e na sociedade; se reconhecem ou não o valor das matrizes culturais africanas de nossa cultura, pois compreendo que este conhecimento acerca da realidade é de suma importância para nossa formação como pedagogas.

Assim, em entrevista com professores(as) e funcionária da escola foram colhidos os seguintes dados que serão discutidos ao longo deste trabalho, tendo em vista ser esta uma pesquisa de cunho qualitativo:

Número de entrevistados	Número de Professores	Número de funcionários	Número de Professores que conhecem a Lei 10.639/2003	Número de professores que dizem trabalhar com a lei
6	5	1	6	1

Através destes dados também foi possível identificar que pela omissão de nossa história e cultura, desde a educação Infantil, torna-se imprescindível transformarmos mentalidades, ainda nos cursos de Formação de Professores, para que a educação possa cumprir seu papel na transformação da realidade brasileira, cujo racismo ainda está presente e impossibilita uma real transformação social.

A Escola – um encontro com o campo de pesquisa

A escola escolhida para realizar a pesquisa de campo acerca das relações etnicorraciais no ensino fundamental e das construções identitárias da criança negra nesta fase foi o CIEP 045 municipalizado do Porto do Rosa, que fica localizado no Bairro Porto do Rosa, no município de São Gonçalo. O motivo da escolha se deu por diversos aspectos, o primeiro foi pelo fato de já estar estagiando na escola, facilitando a aceitação da direção e dos professores para continuar frequentando o local, mesmo depois de ter finalizado o período do estágio. Isso foi de suma importância, pois já tive experiências anteriores em outros trabalhos da faculdade nos quais era quase impossível entrar em uma escola, pois, os professores e funcionários ficavam receosos, achando que a tarefa do estagiário é “inspecionar” e fazer julgamentos críticos acerca da escola e das práticas pedagógicas observadas. Infelizmente esse temor tem fundamento, pois já ouvi diversas queixas de professores(as) e pude constatar trabalhos de pessoas que teciam críticas negativas, tanto às escolas quanto aos sujeitos cotidianos, sem complexificar as situações, sem fundamentar com ética e seriedade, as temáticas levantadas e os questionamentos feitos. Considero que o fato de já ser conhecida pelos(as) professores(as) me ajudou bastante, além de já conhecerem também, pelo estágio, a seriedade e importância do trabalho que me propunha realizar. Isso aperfeiçoou o meu tempo de pesquisa, mesmo a escola sendo distante da faculdade e de ter tido alguns desencontros no processo. Os obstáculos, no entanto, não chegaram a me frustrar, pois em relação ao local de pesquisa e os sujeitos a serem pesquisados trago as seguintes palavras: *o pesquisador os escolhe em função em das questões de interesse dos estudos e também das condições de acesso e permanência no campo e disponibilidade do sujeito* (MAZZOTTI, 2004, pag.162), outro aspecto importante foi a receptividade de uma das professoras da escola, Vanda Beatriz, que se mostrou bastante solícita e muito interessada no tema da pesquisa, me disponibilizando salas, liberando seus alunos para que eu realizasse as intervenções etc e, por último, destaco o fato de ter que desenvolver uma atividade para a disciplina de Estágio Supervisionado II na referida escola, consistiu no início de minha pesquisa que se desenvolveu no período de agosto de 2010 a junho de 2011.

Esse período foi de grande aprendizado, eu pude conhecer um pouco mais da escola que fica próxima à BR e é cercada por duas comunidades: Morro do Querosene e

o Tabajara, por isso os alunos que estudam nessa escola são provenientes dessas comunidades, e adjacências.

Meus primeiros dias na escola foram basicamente de observação, então pude notar como as crianças se comportavam e se relacionavam umas com as outras. A turma na qual estagiei foi de 5º ano, que significa a antiga quarta série e a faixa etária dos alunos, entre dez e quinze anos. Como é a realidade das escolas públicas que é frequentada por alunos de classes populares, ou classes subalternizadas a turma era majoritariamente de alunos negros.

Vale ressaltar que segundo dados do censo demográfico em 2000, São Gonçalo é 16ª cidade do Brasil com maior população de pardos e negros, atingindo a marca de 406.958, embora o município tenha esta contingência de negros, a desigualdade entre os brancos e não brancos ainda é muito marcante. Ricardo Henriques nos fala sobre as desigualdades no Brasil, enfatizando a desigualdade em relação ao segmento negro e branco da população: *A intensa desigualdade racial brasileira, associada a formas usualmente sutis de discriminação racial, impede o desenvolvimento das potencialidades e o progresso social da população negra* (HENRIQUES, 2001.p 2). Assim, percebemos que o racismo além de exclusão também gera desigualdades.

Então, conciliando minha intenção de pesquisa com a aproximação de um campo investigativo – escola de ensino fundamental que considerei propícia à pesquisa, elaborei um projeto, juntamente com minha orientadora de monografia, Regina de Fátima de Jesus, a ser desenvolvido na turma de estágio, inicialmente, em um período de três dias. Neste período poderia observar como o tema racismo, o preconceito e a discriminação racial, eram percebidos pelos alunos e, a partir destas observações/intervenções iniciais, poderíamos ir pensando os passos seguintes: oficinas, propostas de entrevistas etc. Porém por uma série de dificuldades e fatores externos essas atividades fossem realizadas em um período bem maior do que foi pensado inicialmente, pois o trabalho seria feito somente com as turmas do 5º ano (antiga quarta série) do segundo semestre de 2010 e depois agregando a turma do quinto ano no primeiro semestre de 2011, a fim de intensificar e dar mais abrangência ao trabalho de pesquisa.

Neste projeto, além de iniciar o trabalho, trazendo conceitos relativos à temática em estudo: racismo, discriminação e preconceito, também foram trabalhados música e filme, além de conversas informais com os alunos, para que a partir daqueles diálogos estabelecidos eu saísse da minha posição de investigadora/pesquisadora e

também partilhasse de suas experiências, pois o pesquisador de certa forma está ligado ao tema e no meu caso não foi diferente

Desta forma, a pesquisa se encaminhou a partir de oficinas temáticas. Estas oficinas, realizadas com as turmas 501 e 502 do quinto ano, (antiga quarta série) 2010 e também com a turma 501 (antiga quarta série) em 2011 bem como as entrevistas realizadas com professores e funcionários da escola em maio e junho de 2011s serão colocadas em diálogo neste trabalho a fim de compreendermos como se dão as construções identitárias das crianças do ensino fundamental e como se estabelecem as relações etnicorraciais neste cotidiano.

A pesquisa: As Oficinas Pedagógicas – descobertas

As oficinas foram pensadas para que, além de poder estabelecer um diálogo com os alunos, fosse possível uma aproximação maior com o campo a ser pesquisado, pois eu não seria somente uma observadora, estaria com eles envolvida nas questões que se evidenciariam no dia-a-dia. Ou seja, com o projeto de intervenção seria possível uma melhor análise e compreensão da situação em questão, em que eu pudesse ouvi-los e eles por sua vez se sentissem à vontade para falar. Considerei que esta possibilidade investigativa poderia ser mais propositiva que a aplicação de um questionário, que manteria um distanciamento entre nós, a relação seria impessoal, podendo as respostas ser copiadas dos próprios colegas. Nas dinâmicas realizadas a partir do projeto de intervenção, com as atividades de sensibilização a partir de uma música e de um filme, esperava que as respostas aos meus questionamentos, bem como seus comportamentos pudessem ser mais espontâneos. E, o processo de pesquisa foi evidenciando que a proposta de trabalho foi bastante construtiva.

Como eu estagiava na turma 502, pedi permissão aos professores que estariam na turma 501, para que eu pudesse juntar as turmas para o desenvolvimento das atividades, isso foi possível por que, embora fossem duas turmas, eram poucos alunos em cada turma. Em média, eram 20 a 25 alunos frequentes, embora, no diário existiam bem mais alunos matriculados. As faltas e as desistências eram perceptíveis, tendo em vista que as oficinas começaram a ser ministradas no final do ano, mas o período de observação se deu no início do semestre.

O Roteiro de atividades do primeiro dia estava dividido da seguinte forma:

Tema: *Relação etnicorracial da criança no ensino fundamental*;

Objetivos: Investigar como os alunos agem e reagem quando se deparam com situações, questões ou assuntos que envolvam a temática relações raciais; Ajudar os alunos a refletirem sobre o tema e sobre como isso os afeta no ambiente escolar.

Para a apresentação do tema foram confeccionados cartazes com conceitos sobre racismo, preconceito e discriminação racial e o texto base para reflexão foi: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03, de Nilma Lino Gomes.

Atividades propostas:

1º dia Trabalho com música: *Racismo é Burrice*, de Gabriel o Pensador

Essa atividade foi realizada com 23 alunos, com idade média entre 10 e 15 anos e para poder ter esse contingente de alunos, eu tive a permissão dos professores que lecionariam naquele horário para juntar as turmas 501 e 502.

Seguindo a dinâmica que foi pensada anteriormente, as atividades foram sendo realizadas, com intuito de tocar, de fazer com que os alunos pensassem a respeito de situações vividas no dia-a-dia que para eles poderiam se normais. A letra da música de Gabriel O pensador, é bastante provocadora, passando uma mensagem crítica e importante, que é o combate ao racismo. E, através do texto de Nilma Lino Gomes, busquei apresentar a eles os conceitos de racismo, preconceito e discriminação, discutindo a partir de suas realidades.

Por isso, já no primeiro dia levei para os alunos os conceitos de discriminação e preconceito racial, racismo, como afirmado anteriormente; assim como termos utilizados cotidianamente: afro-descendente, afro-brasileiro etc. Apresentei algumas figuras e sugeri que eles falassem sobre o tema. Percebi que eles, embora tímidos, sabiam exatamente o que significava racismo, embora demonstrassem dificuldades de discernir a diferença de racismo e discriminação racial, por exemplo:

Nilma Lino Gomes define o racismo da seguinte forma:

O racismo é por um lado, um comportamento uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio em relação a pessoas que possuem um pertencimento étnico observável por meio de sinais, tais como: cor de pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de idéias e imagens referentes aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. (GOMES, 2005, p.52)

Já em relação à discriminação racial a definição dada por ela é:

A palavra discriminar significa “distinguir”, “diferenciar”, “discernir”. A discriminação racial pode ser considerada como pratica de racismo e a efetivação do preconceito. enquanto o racismo e o preconceito de encontram-se no âmbito das doutrinas e dos julgamentos, das concepções de mundo e das crenças, a discriminação é a adoção de praticas que os efetivam (GOMES, 2005, p.55)

Depois de ter dialogado com eles, fui explicando sobre a diferença destes conceitos e passamos para a segunda fase da dinâmica que foi ouvir a música de Gabriel o Pensador, “Racismo é Burrice”. Assim, distribui a letra da música para todos os

presentes e sugeri que ouvíssemos a música e prestássemos bastante atenção à mensagem da letra, e depois cantássemos juntos.

Ao término deste exercício de reflexão em relação à música, pedi que todos relatassem em forma de desenhos, frases, construção de poemas, ou até mesmo a reescrita da música, o que eles sentiram; que destacassem a parte mais interessante da música ou algo que remetesse ao combate ao racismo.

Distribui para todos os alunos alguns materiais: hidrocor, lápis de cor, giz de cera, *pilot* e folhas de papel de ofício de cor amarela, para a realização da atividade.

Ao final da atividade, pedi para que todos apresentassem seus trabalhos, mas devido à timidez deles em se manifestar espontaneamente, perguntei individualmente a cada um o que o desenho ou a frase significava.

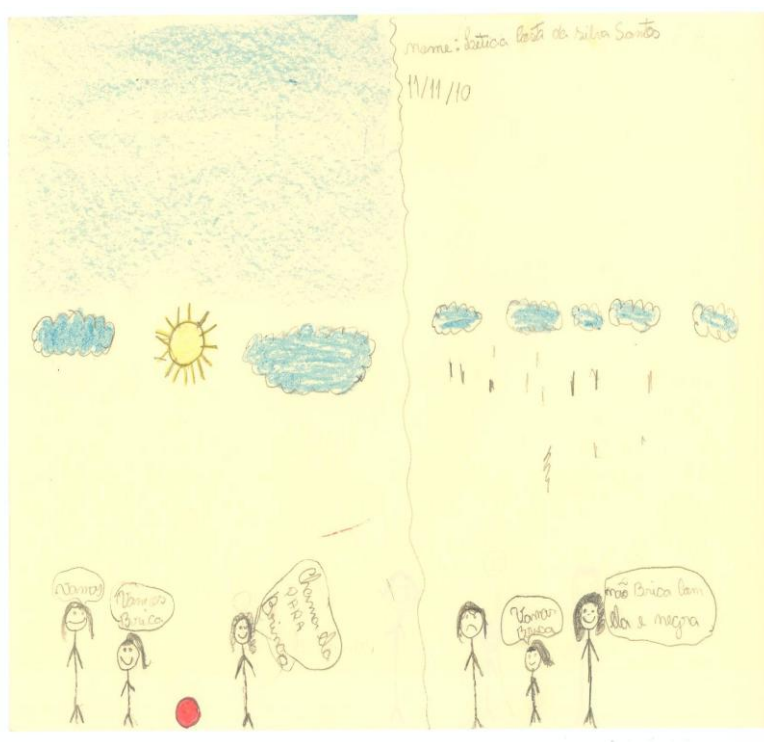
Muitos alunos “meninos” desenharam cantor de *rap* fazendo a seguinte ligação: “cantor de *rap* é negro”.

Assim, discutimos o que significa esta relação entre rap e negritude e percebemos que isto faz com que se tenha preconceito em relação a este tipo de música.

Através das narrativas dos alunos eu pude perceber também o quanto o contato com a dança e a cultura *Hip Hop* estava presente em suas falas e faziam parte de sua cultura dialogando com a fala de Jesus (2010) quando diz que *a valorização das manifestações culturais de matrizes africanas presentes no cotidiano da comunidade de São Gonçalo tem sido importante referencial formador e informador aos sujeitos escolares, marcando assim, o pertencimento local* (JESUS, 2010, p. 9).

Algumas meninas fizeram desenhos da natureza, que segundo elas, simbolizavam um mundo sem preconceitos, mas duas alunas, sutilmente, retrataram suas vivências descrevendo cenas de preconceitos dos quais já foram vítimas ou já presenciaram

Um desenho em que uma criança se recusou a brincar com outra criança negra.



Questionei o porquê do desenho, se elas já vivenciaram essa situação e uma aluna me respondeu que sim; já a outra, que tinha traços “caucasianos”, chamada Andressa, disse que já tinha visto fazerem isso com uma amiguinha.

Um dos alunos, Paulo, fez a seguinte observação: *No Brasil, daqui a algum tempo não haverá mais brancos, pois todo mundo é muito misturado*. Então aproveitei para falar que somos frutos de uma intensa miscigenação, mas mesmo assim a discriminação ocorre principalmente para quem tem os traços negróides mais evidentes.

No Brasil, onde a ênfase está na marca ou na cor, combinando a miscigenação e a situação sócio-cultural dos indivíduos, as possibilidades de formar uma identidade coletiva que aglutina “negros” e “mestiços”, ambos discriminados e excluídos, ficam prejudicadas (MUNANGA, 1999, p.104).

Percebi também a surpresa nos olhos dos alunos quando expliquei que afro-descendentes eram todos aqueles que descendiam de negros africanos, não eram somente os “pretos”, como eles mesmos haviam falado. Expliquei também que afro-descendentes eram os que tinham pai, mãe, avô, avó a até bisavós negros(as) e, rapidamente, muitos alunos falaram da miscigenação em suas famílias.

Mesmo assim eu pude perceber que, embora a classe fosse majoritariamente composta por pardos e negros, e visivelmente só tinha quatro alunos brancos, eu vi o quanto é difícil as crianças se reconhecerem dentro do seu pertencimento etnicorracial. Nilma Lino Gomes nos ajuda a refletir sobre essa questão e encaminhar o diálogo:

Para o/a adolescente negro/a, a insatisfação com a imagem, com o padrão estético, com a textura do cabelo é mais do que uma experiência comum dos que vivem esse ciclo da vida. Essas experiências são acrescidas do aspecto racial, o qual tem na cor da pele e no cabelo crespo os seus principais representantes (GOMES, 2002, p.47).

Pude observar também que, principalmente as meninas negras sentem maior rejeição por assumirem-se negras e preferem dizer que são morenas ou mulatas, talvez por sofrerem duplamente em uma sociedade machista e sexista a rejeição em relação à menina negra seja maior. Por exemplo, quando em outra aula pedi que eles respondessem um questionário em que tinham que declarar a sua cor, etnia etc, eu percebi que muitos alunos negros perguntaram se podiam colocar moreno, mulato, e vi que muitos se declararam brancos sem o ser, pelo menos, fenotipicamente falando.

Isto serve para mostrar o porquê, após o censo de 1980, foi feito um levantamento pelo historiador Clóvis Moura em que foram citados 136 classificações de cores diferentes, auto-declaradas pelos brasileiros entrevistados, pois o brasileiro tenta fugir de seu pertencimento etnicorracial (MUNANGA, 1999).

E no trabalho com a música de Gabriel O pensador, uma aluna negra escreveu o seguinte: *Eu posso ser branca, preta, mulata o importante é que todos nós somos vivos, eu sou mulata e tenho orgulho de ser, beijos*.

Diferentemente de outros países, no Brasil, o preconceito não é somente de origem, ele é principalmente, de marca, então quanto mais visíveis as características afro, maiores as possibilidades de sofrerem preconceitos, talvez seja por isso que as meninas demonstraram ter um receio muito grande de se declararem negras, pois a pressão que elas sofrem da sociedade é muito maior do que a dos meninos, principalmente pelo apelo estético e pela cultura dominante que nos diz que para a menina ser bela, ela tem que ter o cabelo “arrumado”, e o “cabelo arrumado” não é somente um cabelo limpo e vistoso, para atender aos padrões de beleza estabelecido na sociedade, este cabelo tem que ser comprido e liso, pois como nos diz Gomes: *Para muitos o cabelo é a moldura do rosto e um dois primeiros sinais a serem observados no corpo humano* (2002, p. 50) e por isso os meninos já não vivem tanto este tipo de “problema”, pois os cabelos são curtos, por vezes raspados, então esta exigência acerca da aparência embora também seja feita aos meninos, se torna muito mais presente nas meninas, que tem como estratégias se livrar dos “incômodos cabelos crespos”, recorrendo a técnicas de alisamento, escovas progressivas e apliques, fazendo com que a mulher negra esteja sujeita a essa opressão “aparentemente” silenciosa, pois além de ter que lidar com o incômodo do preconceito em relação a sua cor de pele, ainda tem que lidar com piadas a respeito da textura do cabelo.

Continuamos a oficina dialogando sobre cenas de preconceitos e, em uma conversa com os alunos sobre discriminação, a aluna “Joice” relatou o que ocorreu com uma de suas tias. A senhora estava em um ponto de ônibus deserto e apareceram dois rapazes, primeiro um negro, depois um branco. Ela ficou com medo do rapaz negro, pois achou que ele iria roubá-la. Depois, chegou um rapaz branco e ela ficou tranquila, sentindo-se segura, pois o ponto de ônibus, até então, estava deserto e, segundo a tia, ainda com a presença de um “suspeito”, o rapaz negro. No entanto, foi o rapaz branco que assaltou tanto a tia de Joice quanto o rapaz negro, levando o celular do rapaz e a bolsa da senhora.

Este relato nos traz a palavra de Neusa Santos Souza (1982, p. 16) quando nos diz que *A violência racista pode submeter o sujeito negro a uma situação cuja desumanidade nos desarma e nos deixa perplexos*, pois, de fato, é uma violência ser julgado em relação à cor de pele e às características físicas. Ou seja, se de fato este país fosse uma democracia racial, não haveria um segmento da população inferiorizado e sendo tratado de forma desumana.

Em outro momento, neste mesmo dia de encontro com a turma, eu verifiquei o quanto a questão racial está presente em sala de aula. Depois que os alunos terminaram as atividades com a música *Racismo é Burrice* e fizeram os registros, a aluna Joice pediu para apagar o quadro e uma aluna que se recusou a participar da atividade, implicou com ela, chamando-a de empregada e escrava. Joice retrucou e a chamou de suja e isso fez com que a outra aluna se referisse ao cabelo de Joice como “feio e ruim” e, complementando a ofensa, dizendo que ‘nem um creme alisante adiantaria para melhorar’. Eu acabei com a confusão/situação conflituosa pedindo silêncio às duas meninas e encerrando as atividades, mas pensando no que poderia se trabalhado, discutido e complexificado neste momento, desmistificando a relação entre o pertencimento etnicorracial negro e a questão da inferioridade (feio, ruim, sujo etc). Assim, penso no quanto é importante que o professor esteja atento às experiências cotidianas e preparado para trabalhar com a diversidade em sala de aula, aproveitando as situações de conflito a fim de buscar transformar a realidade de racismo, inicialmente, junto a seus alunos.

Uma das formas que a sociedade dispõem tanto para enfrentar quanto para perpetuar esta situação é a instituição escolar, já que a escola se caracteriza como um ambiente privilegiado, seja para combater praticas racistas, ou para reproduzir e/ou ressignificar seus efeitos, fazendo que o racismo se perpetue ou não nas dinâmicas dos processos de aprendizagem (ASSIS, 2006, p.2).

Com estes episódios eu pude constatar que preconceito racial não é uma prática apenas de uma elite branca, o pobre e o negro também demonstram preconceito. Embora a aluna que ofendeu, tratando de forma preconceituosa a aluna Joice, também seja afrodescendente, o fato de ter a pele mais clara, e o cabelo menos ondulado, fez com que ela se considerasse melhor, superior à outra, mesmo pertencendo à mesma comunidade, sendo da mesma classe social. Ou seja, o negro, quanto mais próximo do tipo africano, mais tem possibilidade de sofrer com o racismo. As marcas fenotípicas ainda são vistas com olhar negativo e depreciativo, isto faz com que esta ideologia de branqueamento que segundo Munanga: *Prejudica qualquer busca da identidade baseada na “negritude” e na mestiçagem já que todos sonham em ingressar um dia na identidade branca.* (MUNANGA, 1999, p.161) ou, seja inconscientemente foi inculcado no psicológico de negros e mestiços que para serem aceitos é necessário negar seu pertencimento etnicor racial, por isso consciente da vantagem de ter a pele mais “clara” que faz com que esta ideologia de branqueamento presente nas relações sociais que

possibilita ao sujeito uma ascensão social e um tratamento igualitário, a outra aluna se julga superior em relação à Joice, pois conforme nos diz Fernandes *a cor se afirma em toda a sua plenitude, como marca social* (1978)

O incidente em sala envolvendo duas alunas negras fortaleceu a proposta de atividade a ser realizada na etapa seguinte, em que as crianças criariam cartazes demonstrando por meio de desenhos e/ou escrita situações de racismo e preconceito; registrando frases com opiniões em relação à temática; relatando experiências ou cenas de preconceito. Muitas delas se expressaram conforme a música de Gabriel O Pensador, principalmente quando lhes foi perguntado o que é racismo. As respostas foram diferenciadas. Eles responderam que racismo era ruim, feio, burrice etc. E, de certa forma, reproduziam a letra da música de Gabriel O Pensador:

*Você aprendeu que o preto é ladrão
muitos negros roubam, mas muitos são roubados
E cuidado com esse branco aí parado do seu lado
Por que se ele passa fome
Sabe como é:
Ele rouba e mata um homem
Seja você ou seja o Pelé (trecho da música).*

Racismo é burrice se você rouba você mente, você mata, você não pode julgar a pessoa só porque ela é negra, porque tem muitos brancos que também fazem coisas ruins por isso não podemos julgar por causa da cor do cabelo e do olho, escreve o aluno Lucas Wanderson, de 11 anos.

Assim diz a aluna Joice:

Eu não sei o que esses brancos querem da vida. Deus fez brancos, pretos, mulatos, todos nós no mundo. Não importa se somos brancos, pretos, mulatos, o importante que Deus ama todos nós. Deus te ama, te chama, ele te quer você, pode ser até colorido (Joice Marinho, 11 anos).

Os registros dos alunos se aproximam da letra da música *Racismo é burrice*:

*Racismo é Burrice
Não seja um imbecil,
Não seja um ignorante
Não se importante com a origem ou a cor do seu semelhante*

Racismo é Burrice, não seja Burro, seja feliz, ame seu amigo mesmo ele sendo branco ou preto, escreve Thiago, de 15 anos.

Ao final, todos atribuíram um significado ruim para a palavra, depois resolvi ir além e perguntei se eles eram racistas e o porquê e as respostas foram muito parecidas,

praticamente ninguém se considerou racista, pois disseram que “todos somos iguais perante Deus” ou ainda “tenho muitos amigos de outra ‘cor’”, ou simplesmente porque “não se deve discriminar ninguém”.

Segundo Florestan Fernandes (1964), *O Brasil tem preconceito de ter preconceito*. Ou seja, existe racismo, todos concordam, mas ninguém demonstra ser racista e, ainda há uma tendência a reforçar a idéia de que há pessoas que são racistas, absolvendo a sociedade brasileira de práticas racistas, inclusive institucionais. Gomes em seu diálogo quando nos diz:

Lamentavelmente o racismo em nossa sociedade se dá de uma forma muito especial: ele se afirma através da sua própria negação. Por isso dizemos que vivemos no Brasil um racismo ambíguo, o qual se apresenta de muito diferente de outros contextos onde este fenômeno também acontece. O racismo no Brasil é alicerçado em uma constante contradição. A sociedade brasileira sempre negou insistentemente a existência do racismo e do preconceito racial mas no entanto as pesquisas atestam que, no cotidiano, nas relações de gênero, no mercado de trabalho e na educação básica e na universidade os negros ainda são discriminados e vivem em uma situação de profunda desigualdade racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do país (GOMES, 2005, p.46).

No segundo encontro que tive com a turma, foi proposto que os alunos respondessem um questionário, tendo por objetivo que pudessem expressar situações vividas em seu cotidiano bem como, seus conceitos em relação a racismo, ao preconceito e à discriminação. Assim como no outro dia tive permissão dos professores e da coordenação da escola para realizar as atividades com as duas turmas, isso foi proveitoso porque as turmas estavam esvaziadas devido ao tempo chuvoso e com a junção fiquei com 20 alunos em sala, primeiro elogiei os trabalhos da semana anterior e depois expliquei que a proposta do questionário seria que eles, primeiro, respondessem e depois conversaríamos sobre as respostas, deixando claro para eles que não existiam respostas certas ou erradas eles simplesmente responderiam o que achavam e depois faríamos uma discussão em grupo.

Mesmo assim eles ficavam meio receosos até mesmo para responder o quesito relativo à cor, principalmente as meninas, tendo em vista que havia colocado como opções a serem assinaladas: negro, pardo, branco, asiático e indígena. Apesar de não ter nenhum asiático na turma, resolvi também disponibilizar este campo. No entanto, apesar da curiosidade de saber o que era asiático, percebi que eles sentiram falta, na verdade, foi das opções moreno e mulato, me perguntando até mesmo se poderiam acrescentar estes termos no questionário. Então, expliquei que eles poderiam se classificar conforme as opções que foram propostas, quem se considerava branco,

marcaria branco, quem não se considerava nem negro nem branco que marcasse pardo, se assim o quisesse, finalizando a questão. Eu notei também que a grande dificuldade deles era em relação a duas questões do item cinco e o seis, que faziam as seguintes perguntas: Nos livros escolares (didáticos) você se lembra de algum negro(a)? De quem? E no item seis, a pergunta era: Qual a história infanto-juvenil da qual você lembra que tenha personagens negros?

As respostas foram praticamente nulas e eles ficaram desesperados tentando encontrar no caderno. Perguntavam aflitos uns aos outros, chegaram a dizer que não tinha, não existia. Eu disse a eles para pensar um pouquinho, afinal de contas os negros contribuíram tanto quanto os brancos na formação do país e da sociedade. Sendo assim, também tinham que estar presentes nos livros de História e nos de Literatura, mas com muito esforço e depois de preenchidos e entregues os questionários, os únicos personagens que eles citaram foram: Saci-Pererê, dos livros infantis, e depois uma das crianças achou no livro algo sobre Zumbi dos Palmares e imagens de escravos. Somente isso, tendo a figura do negro invisibilizada. Quase nada a respeito das contribuições do negro em nossa formação. Como dos diz Ki-Zerbo *os colonizadores preparam um assalto a nossa cultura* (2006, p.13), pois: como em um país multirracial, o negro continua a ser visto de forma invisibilizada, a imagem do negro continua sendo somente a figura de escravos, prejudicando qualquer identificação das crianças negras com as matrizes africanas? Salvo Zumbi dos Palmares que foi lembrado, aliás, citado em um livro, somente citado, que por muito custo os alunos conseguiram encontrar a representatividade negra.

Aproveitando as questões e as respostas dadas pelos alunos, perguntei a eles se já presenciaram ou foram vítimas de preconceito e discriminação racial. Apesar de alguns alunos, no questionário, dizerem que nunca sofreram racismo, quando houve a discussão em grupo, eles denunciaram ter sofrido discriminação principalmente de colegas da escola.

Muitos dos relatos foram de discussões em que se utilizavam a questão racial para ofender. O aluno Fabrício relatou uma briga entre colegas na escola em que houve agressão física e verbal e um dos alunos envolvidos na briga disse que preto não prestava e que por isso ele odiava preto e que todos os negros tinham de morrer. Aproveitei para indagar com eles sobre o que achavam da afirmação de que uma determinada etnia deveria ser extinta, se estas palavras fossem ditas somente por causa do calor de uma briga ou também estava incutida uma forma de preconceito. Refleti

também sobre a questão de apelidos que geralmente são associados às características físicas e raciais, apesar de muitos alunos falarem que colocam apelidos por brincadeira, ou acham normal fazerem gozações e ridicularizarem os colegas. Quando foram questionados se gostavam dos apelidos, apesar de alguns afirmarem não ligar, a maioria disse que não gostava e que isso os constrangia de alguma forma.

Também foi durante a conversa que um dos alunos disse que racismo era crime, ao que o outro respondeu: *então você já deveria ter sido preso há muito tempo porque você vive me chamado de tiziu e negaba. Tia, ele me chama de Negaba!*

Na resposta do questionário eu verifiquei que o aluno que foi acusado de racista pelo outro colega também tinha características afrodescendentes. Depois de explicar que o questionário fora feito a partir da terminologia usada pelo IBGE, perguntei ao aluno se na família dele todos eram brancos e ele respondeu que a mãe dele era morena, e o avô dele também, mas ele havia puxado mais o pai. Então eu perguntei se não teria ninguém um pouco mais moreninho que ele na família, aí ele disse: *o meu irmão*. Neste momento, um dos alunos falou que era mentira: *seu irmão é preto e você é moreno*. Outra aluna, chamada Monique, que foi uma das únicas meninas negras a se definir realmente como tal, mas negou no questionário que tenha sofrido com o racismo, nem presenciara cenas de discriminação, revelou durante esta discussão, ser constantemente agredida verbalmente por colegas de escola que a chamam de “macaca” e desvalorizam o seu cabelo.

O questionário foi respondido por vinte alunos presentes na sala, pois um deles preferiu não participar e, também não insisti, tendo em vista acreditar que era fundamental que os alunos que tivessem participando das atividades se sentissem à vontade para participar.

Alguns dados obtidos com o questionário foram os seguintes:

Cor/etnia segundo o IBGE:

17% brancos
13% negros
60% pardos

Racismo foi definido da seguinte maneira:

Eu sei o racismo é uma coisa muito chata (Pedro Castro, 10 anos).

Sim até demais quando meus colegas me chamam de macaco etc (Matheus A. Mesquita, 12 anos).

É uma covardia (Ana Carolina, 13 anos).

É uma pessoa branca que chama outra de preta (Lorrayne, 12 anos).

Quando foram questionados se eram racistas:

SIM 1%
NÃO 97%
ÀS VEZES /MAIS OU MENOS 2%

Perguntado o porquê do racismo ao aluno que respondeu que era racista, e aos que disseram que às vezes ou mais ou menos, todos disseram que às vezes brincando ou quando brigam, costumam xingar os colegas, mas embora eles reconheçam que usam termos racistas, insistem que “é só de brincadeira.”

Em entrevista com Janete, que trabalha na escola como auxiliar de serviços gerais, ela diz que é muito comum as crianças se referirem umas às outras de forma pejorativa: *comum assim: seu macaco, cabelo duro, está entendendo? Tipo essas bobeirinhas de criança (mas aí já é) é uma brincadeira de mau gosto, mas a gente, adulto, sabe que é uma brincadeira de mau gosto.*

E ela diz que ao chamar atenção das crianças devido a esta atitude, elas enfatizam sempre que estão brincando:

Então, a gente fica tomando conta das crianças porque não pode deixar eles sozinhos, aí tem um aluno que ficou chamando a outra de macaca, cabelo é... de pixaim aquela coisa, né? Realmente a garota ficou... ela é... só que a garota era escura igual a ele, só que é chato, né? Ai eu conversei com ele e falei: não faz isso, você é a da mesma cor dele... dela. Você é da mesma cor dela. Por que você está fazendo isso? Isso é racismo e isso dá cadeia, hein! Aí ele danou a rir, né? Acha uma graça disso! (Janete).

Através desta fala podemos ver a naturalização dos estereótipos negativos e de como as crianças se utilizam disso como brincadeira, que geralmente humilham e depreciam o outro, e na própria narrativa da Janete quando ela diz: *não faz isso, você é a da mesma cor dele... dela. Você é da mesma cor dela. Por que você está fazendo isso? Isso é racismo e isso dá cadeia, hein!* ...essa fala nos evidencia várias formas de reflexão, por exemplo, quando ouvimos a fala de que o próprio negro é racista podemos recorrer às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana(2004) que traz:

Outro equívoco a enfrentar é a afirmação de que os negros se discriminam entre si e que são racistas também. Esta constatação tem de ser analisada no quadro da ideologia do branqueamento que divulga a idéia e o sentimento de que as pessoas brancas seriam mais humanas, teriam inteligência superior e, por isso, teriam o direito de comandar e de dizer o que é bom para todos (2004, p.16).

Além disso, sabemos que a ideologia de branqueamento é um fato marcante em nossa história, por isso o negro também é influenciado no sentido de buscar o enbranquecimento e, às vezes, pode reproduzir as práticas racistas das quais também é vítima; outra dificuldade que enfrentamos é a de se colocar no lugar do outro e, por esse motivo a proposta do filme “Vista a minha pele” vem na tentativa de fazê-los entender a dor provocada pelas brincadeiras aparentemente inofensivas.

No terceiro encontro com a turma, foi apresentado para os alunos o filme “Vista a Minha Pele”, de direção geral de Joel Zito, cuja trama se dá a partir da inversão dos papéis sociais, sendo o branco o alvo do racismo e o negro passa a ser o referencial dominante e opressor. Os personagens que faziam parte do núcleo rico e ocupavam o lugar de elite eram negros. Os brancos é que haviam sido colonizados e escravizados e por isso viviam em situação de pobreza, exclusão e discriminação.

Enquanto assistiam ao filme, era comum ouvir as risadas das crianças e os comentários, revelando preconceito, dirigidos a uma das personagens negras como sendo feia e de cabelo duro. No final do filme, pedi que eles falassem em uma palavra o que viram e o que sentiram e as respostas foram inúmeras, ficaram “tristes”, acharam “engraçado”, e muito “estranho” alguns até mesmo se referiram ao filme como sendo uma “piada”. Eu expliquei para eles que aquele filme trazia somente cenas do cotidiano de maneira invertida, coisas que presenciamos no dia a dia, mas já estão tão naturalizadas que não nos causam nenhum estranhamento, no entanto, quando é uma menina branca a sofrer com o racismo, todos acham “estranho”, “triste” e ainda acham “graça” quando há cenas de preconceito direto.

Um dos alunos, Lucas, comentou que achou “esquisito” as pessoas da favela serem “brancas e bonitas”, pois no mundo real, na favela, tem mais preto do que branco.

Outra aluna que se mostrou bastante chateada quando uma das personagens rasgou o cartaz de miss Festa Junina, da protagonista reclamou dizendo assim: *Tia, não gostei quando aquela macaca preta rasgou o cartaz da outra!*. Isto mostra que o ideal brancocêntrico está tão enraizado em nossa cultura que mesmo um aluno “negro” não consegue ver beleza em uma pessoa negra, pois quando ele diz: *achei esquisito na favela só haver pessoas brancas e bonitas*, ele quis dizer que pela lógica que permeia o

todo social e faz parte da ideologia dominante, que *todo o branco é bonito e todo negro é feio*. E analisando ainda a fala da aluna que mesmo sendo negra, chama a personagem do filme de *macaca*, voltamos ao pensamento de Munanga e percebemos que *esse ideal ainda perpassa a cabeça de negros e mestiços* (1978). Neste discurso, os alunos deixam transparecer que internalizaram e tomaram como seu um discurso que implicitamente é compartilhado pela sociedade e traz a mensagem de que para o negro existir, ele tem que ser branco, ou seja, para se afirmar como pessoa, precisa negar o seu corpo e sua cultura, enfim, sua etnicidade.

O que pensam os sujeitos cotidianos – as entrevistas

Identidade Racial Brasileira

O trabalho desenvolvido nos mostra como, e em que pressupostos as crianças constroem suas identidades embora este termo (identidade) seja complexo, e tenha inúmeras interpretações, criadas e recriadas fazendo com que a discussão sobre o sentido/significado de identidade seja acrescida de inúmeros adjetivos de gênero, classe social, etnia, dentre outros, mas neste momento no que diz respeito ao racismo, a identidade pessoal pode ser pensada conforme nos diz Maria Palmira da Silva, sendo: *Como um produto social resultante de uma situação de conflito, envolvendo discriminação, exclusão social, exploração e opressão individual e coletiva* (2002, p.55).

Desta forma quando a criança/adolescente negra incorpora para si a mensagem sublimar que para ser aceito é preciso corresponder à expectativa do padrão dominante, ou seja, ser branco ela se auto marginaliza e passa também a ter preconceito com os seus, pois mesmo que na escola aprendemos que a construção da sociedade brasileira e sua dinâmica é composta por três matrizes culturais diferentes e distintas entre si: dos africanos, dos indígenas e dos europeus, esses três grupos com inúmeras ramificações e particularidades tão próprias de sua origem, apesar de dividirem o mesmo espaço não tem o mesmo reconhecimento, conforme nos diz Siqueira:

Essas culturas encontram-se no solo brasileiro e constituem diferentes seguimentos da população nacional com suas hierarquias e estratificações, em sua grande maioria dominada por princípios e valores de uma única civilização, que se atribui o direito da cultura hegemônica - a das culturas ocidentais (SIQUEIRA, 2002, p.73)

A formação do sujeito bem como sua construção identitária se dá conforme este é interpelado em diferentes situações, instituições e agrupamentos sociais, pois: *a tomada da consciência de um seguimento étnico- racial que foi excluído da sociedade, para o qual contribui economicamente, com o trabalho gratuito como escravo e também culturalmente em todos os tempos na história do Brasil* (MUNANGA, 1994, p.18).

O sujeito é submetido a uma violência simbólica quando percebe que o grupo ao qual pertence é estigmatizado e inferiorizado, pois não faz parte (e também não é aceito) na ideologia dominante e a constatação frente a esta realidade implícita torna-se dolorosa, pois conforme nos diz Siqueira:

Os juízos de valor criados na perspectiva do racismo são desastrosos, pois objetivam destruir, a cada geração, a esperança desses povos e seus descendentes de se reconstituírem como pessoa com liberdade e auto-estima pelo valor se si mesmo e pelo que representa toda a história e cultura de sua família, de seus antepassados e de seus ancestrais, e assim que se constroem e se desconstroem identidade (2002, p. 81).

Assim, a consciência racial que é construída desde cedo, e antecede a constatação do racismo e discriminação, mas, de certa forma, esta implícita na formação da identidade da criança, pois é na infância que a criança como sujeito participante da dinâmica e das relações sociais percebe os lugares demarcados socialmente que acaba por trazer privilégios a um grupo, menosprezando e marginalizando os outros.

A identidade racial é uma construção histórica pautada em interpretação social e cultural dadas as estruturas biológicas que criam simbolicamente a identidade do grupo, fazendo que características que não são hegemônicas e as nossas dessemelhanças sejam consideradas inferiores, por isso que construir uma identidade positiva em uma sociedade que estabeleceu o padrão eurocêntrico como sendo o único aceitável, torna-se uma verdadeira batalha. Isto se dá, principalmente, para os jovens negros que em sua trajetória escolar e relações sociais, vivenciam práticas de um racismo institucional, em que, veladamente, ele é exposto a hierarquização de etnias, pois além de não se sentir representado na escola, e todo o conteúdo que é ensinado a respeito dos seus ancestrais, trazer a idéia de que se ele descende de um povo atrasado, miserável e que em nada contribuiu para a formação histórica do seu país, faz com que ele se envergonhe de sua origem e tente alcançar o ideal branco, o que ele considera, pois lhe foi ensinado como sendo o superior.

Como afirma Santos: *Todo ideal identificatório do negro converte-se, desta maneira, num ideal de retorno ao passado onde ele poderia ter sido branco, ou na projeção de um futuro onde seu corpo e identidade negros deverão desaparecer (1990, p.5).*

Por isso, durante a pesquisa no CIEP 45, mesmo alunos negros e não negros pertencentes a uma mesma classe social, e tendo os mesmos “problemas sociais”, ainda assim, os alunos brancos demonstraram ter maior aceitação em relação às suas origens que os alunos negros. Pois durante a pesquisa e as entrevistas realizadas (que mais adiante traremos ao diálogo) os alunos brancos não titubeavam ao se declararem brancos(as), mas os(as) negros(as) demonstravam certa ressalva, uma inquietação como se ao se assumirem negros, assumiriam para si todo um legado de marginalização,

exclusão e sofrimento que tem sido direcionado ao segmento negro da sociedade, por isso usando as palavras do Mano Brown, do grupo Racionais Mcs, em sua música: Racistas otários: *Mas se analisarmos bem você descobre, que negro e branco pobre se parecem mas não são iguais.*

Pois conforme nos diz Siqueira (2002):

A busca de uma identidade afro-brasileira coexiste com a prática do racismo em nossa sociedade,(...) essa busca e essa prática constituem uma construção em processo no seu cotidiano: como afirmar sua identidade negra sendo um cidadão brasileiro que, pela sua origem, convive com a exclusão e, ao mesmo tempo, a luta por se identificar com a ancestralidade que por definição histórica, é aqui estigmatizada e contribui a exclusão (SIQUEIRA, 2002, p. 74-75).

Apesar de o Brasil ser um país, que comporta uma sociedade multirracial e multicultural, podemos observar que a cultura européia é sempre ditada como sendo a superior, sendo as demais matrizes culturais caracterizadas como secundárias.

Mas além dos negros serem convidados a embranquecer na cultura, também são convidados a embranquecer na cor, através da “ideologia do branqueamento”.

Segundo Giralda Seyferth (2002) João Batista de Lacerda (1912) que participou do congresso universal das raças como representante do Brasil e defendeu uma tese que afirmava que com os cruzamentos interracialis os negros desapareceriam em mais ou menos 100 anos, pois eram mais fracos e tinham uma maior taxa de mortalidade, porém anos se passaram desde que essas idéias foram expostas e tal fato não surtiu efeito. No entanto, se de um lado o seu pensamento falhou, pois com a miscigenação o sangue branco não diluiu o sangue negro, por outro lado os pensamentos dos intelectuais da época encontraram um campo fértil para crescer rodeando a cabeça de negros(as) que internalizaram que a única forma de se ascender socialmente e fazer parte da sociedade dominante é embranquecer.

Para Jesus (2004)

Pode parecer sutil, mas há uma violência que nega aos negros e negras aceitarem-se e afirmarem seu pertencimento étnico/racial nesta sociedade, mesmo que o discurso seja de que vivemos numa democracia racial e de que não há país que tenha dado tão certo como o Brasil, no sentido de acolher e manter a convivência pacífica e harmoniosa entre diferentes etnias /raças (p.224)

Nesta reflexão Jesus, denunciando a falaciosa democracia racial, traz as seguintes questões: se brancos e negros convivem tão bem, por que o negro tem que ter sua identidade negada? Por que suas características e particularidades não são

respeitadas? Por que tem que se enquadrar na ideologia dominante que dita que ele tem que embranquecer?

Todas estas questões nos mostram as contradições nas relações etnicorraciais em nossa sociedade e nos fazem refletir a respeito das relações vivenciadas no CIEP 045 do Portão do Rosa, pois através das conversas e entrevistas realizadas com os alunos, depois da apresentação da música de Gabriel O Pensador, “Racismo è Burrice”, ao mesmo tempo em que eles repetiam o mito da democracia racial, em seus discursos, eles também denunciavam o preconceito que grande parte já sofreu na pele, não só no contexto escolar, mas também em seu cotidiano pessoal e social, fora do ambiente escolar. E, quando os observava em seus momentos de lazer e socialização, tanto na própria sala de aula, como no espaço do pátio, durante o intervalo do recreio; ou na quadra de esportes, nas aulas de Educação Física; ou simplesmente em seus momentos de recreação, num primeiro momento não se nota nenhum tipo de tensão racial. Mesmo no futebol, quando os meninos ficam com os nervos exaltados por causa da competição e do jogo em si, os xingamentos e ofensas podem ser considerados “normais” ou até mesmo “naturais” e passam despercebidos: *negão, macaco, crioulo, viado, porca rosa, imbecil* etc, pois são usados por eles com muita frequência, principalmente quando o intuito é agredir e magoar o outro. Porém vendo para além da brincadeira ou de uma briga, se pode notar o quanto o critério racial é usado como forma de punir, fazendo com que o aluno afrodescendente se sinta humilhado e indefeso, assim como narrado pelo aluno Fabrício, que citou que durante uma briga na escola entre dois rapazes, um deles gritou: *Todos os pretos tem que morrer, pois não prestam!*. Naquele momento ele não se referiu a uma pessoa, ele citou “todos os negros” demonstrando uma aversão muito maior que um simples preconceito incitado por raiva. Ele “coisificou” todos os negros, reduzindo-os a algo daninho que teria que ser retirado do mundo, exterminado. Essa passagem me levou a refletir sobre o temor dos alunos em se declararem negros, tentando fugir para as diferentes classificações, tais como: moreno, moreno-escuro, pardo, e mesmo reconhecendo que já foram vítimas de racismo, xingamento e ofensa referente aos seus traços fenotípicos, alguns deles, até mesmo depois sendo apontados pelos colegas como autores de episódios de discriminação.

Alguns professores e educadores da escola também comentam episódios de discriminação na escola

Quando perguntado à educadora Juliana, que trabalha no Projeto Mais Educação, se ela já presenciou episódio de discriminação na escola ela cita o seguinte:

A gente sempre presencia, né? Porque, por mais que às vezes não seja na maldade o que eles falam, mas eles acabam sempre falando... soltando uma piadinha no momento de raiva, né? Eles sempre acabam se ofendendo e então é uma coisa e a gente tem que tentar buscar alguma forma pra parar com isso sem se repreender, tem que ser uma forma educativa... uma repreensão educativa que só brigar no momento não adianta, tem que ser um trabalho contínuo com eles dentro de sala de aula.

Quando indagada sobre a questão racial nos desentendimentos dos alunos, ela diz:

Sempre. Aqui então, que é uma comunidade carente, que a maioria dos moradores realmente são negros, então entra a questão racial e a questão social..., socioeconômica, né? Então, um fica de deboche com o outro por causa dessas duas coisas, sendo que estão todos na mesma situação.

A professora admite que, embora na visão dela, não seja na maldade que os alunos por diversas vezes usem o critério racial como forma de ofensa, mesmo que ambos sejam negros, geralmente o que tem a pele mais clara não se percebe como negro, utilizando a pele um pouco mais clara como se fosse uma vantagem sobre o outro.

Segundo a professora Sheila que leciona as disciplinas de História e Geografia na escola, o desconforto dos alunos negros quando surgem conflitos raciais em suas discussões é evidente:

Eles mesmos não se respeitam entre eles... eles não têm... e se sentem humilhados simplesmente porque um é mais branco que o outro, não são brancos, vamos botar assim entre aspas, só porque um é mais negro que o outro, tá certo? Eles sentem, o outro que é mais negro se sente diminuído.

Isso mostra o quanto a ideologia de branqueamento está de certa forma presente no imaginário do povo brasileiro como um todo, tendo também sua representação na escola, pois a sociedade assim constituída, passa para o negro que ele pode ser aceito desde que clareie. E ele passa a perceber o outro, mesmo sendo parecido com ele, como uma ameaça, pois quando olha um negro ele sabe (apesar de não se perceber, ou não querer perceber) que também faz parte do mesmo segmento. E, sendo assim, se naquele momento ele discrimina, ele também será discriminado adiante por alguém com uma pele mais clara, tendo em vista a ideologia que perpassa a sociedade.

O Preconceito Racial tem cor e sexo

Uma particularidade do preconceito racial evidenciado na escola é que em geral as alunas negras são as principais vítimas. Essas, por sua vez, sofrem preconceitos não somente em relação às colegas brancas, mas também em relação aos alunos negros. Elas são preteridas pelos garotos e se tornam alvos de chacotas e humilhações conforme pude constatar na pesquisa. Muitas alunas se queixaram de terem sofrido preconceitos também por colegas negros e na maioria das vezes a aluna negra se sente mais rejeitada do que as alunas brancas, uma das alunas salientou que já foi chamada de “macaca preta” e “cabelo duro”, várias vezes por colegas brancos e negros.

Em entrevista com a Professora Tânia, que leciona a disciplina Ciências, nos diz: *Agora mesmo um menino implicou com a outra por causa do cabelo, ela saiu chorando.*

Esta situação ilustra, de certa forma, uma realidade mais abrangente que, se por um lado o negro sofre preconceito, a mulher negra sofre duplamente (por ser mulher e negra) pois o padrão instituído como belo sempre leva em conta a cor de pele e o cabelo. E, se de um lado as meninas negras tentam se enquadrar neste padrão alisando o cabelo, usando apliques e outras formas que as aproxime do padrão dominante, os meninos brancos e negros que aprendem culturalmente a admirar o branco como sendo limpo e atraente, acabam por rejeitar e desprezar as meninas negras colocando-as como inferiores (como não sendo de qualidade). Assim, se o processo de identidade é construído e constituído conforme as vivências de cada um, as alunas negras que vivenciam experiências discriminatórias acabam por criar uma autoimagem negativa de si mesmas.

Conforme nos diz MC DMN em sua música homem de aço: *A preta linda que não se olha no espelho tem vergonha do nariz da boca e do cabelo.*

Assim, tomamos, mais uma vez a reflexão de Gomes que nos faz compreender o processo pelo qual passam as meninas negras, quando a autora diz:

Para o/a adolescente negro/a, a insatisfação com a imagem, com o padrão estético, com a textura do cabelo é mais do que uma experiência comum dos que vivem esse ciclo da vida. Essas experiências são acrescidas do aspecto racial, o qual tem na cor da pele e no cabelo os seus principais representantes (2002, p.47).

Por mais que no período da adolescência maioria dos jovens, independentemente do pertencimento etnicorracial, vivenciem conflitos estéticos e

insatisfação com sua imagem, para o jovem negro, a insatisfação pessoal vai além das espinhas no rosto, pois mexe com todo o seu ser e sua identidade.

Em busca da superação das desigualdades etnicorraciais

Fazer com que a educação seja realmente democrática não é uma tarefa fácil ainda mais tendo que romper com práticas racistas tão naturalizadas em nossa sociedade, e entender que é preciso mudanças e que diversidade não pode servir à manutenção da desigualdade.

O movimento negro em diferentes épocas da história se organizou a fim de reivindicar direitos de cidadania a todo segmento, pois embora nossa constituição reze que todos são iguais, na prática vemos que não é bem assim, visto que justamente os afrodescendentes são os que mais sofrem, são vítimas de violência, miséria, desemprego questões que se mostram claramente que as desigualdades não são meramente sociais, mas sim, tem uma base racial e, recorrendo mais uma vez à letra da música dos Racionais Mcs, temos:

os sociólogos preferem ser imparciais e dizem ser financeiro o nosso dilema... mas se analisarmos bem você percebe que negro e branco pobre se parecem mas não são iguais... o nosso motivo de lutar ainda são os mesmos o preconceito e o desprezo ainda são iguais.

Por isso mesmo depois de mais de 130 anos da abolição da escravatura, o afrodescendente ainda se depara com diversos problemas, tanto no campo social como no educacional, pois se a sociedade deveras é racista, esse pensamento também está presente nas escolas, pois esta também faz parte da sociedade.

Em entrevista com o professor Josemar, ele denuncia o tratamento diferenciado que foi dado a um dos seus alunos em uma das escolas públicas em que ele leciona ele nos conta que um dos alunos era de uma determinada religião e o outro era do Candomblé (religião de matriz africana):

...eu dava aula de Português, também, e uma aluno... tinha lá um aluno que ele era Adventista do Sétimo Dia, por conta disso, sexta-feira ele não... ele não assistia aula porque depois de seis horas, depois do pôr-do-sol, ele não poderia, então ele ficou o ano inteiro faltando na sexta-feira e tinha uma outra aluna que se afastou para se iniciar no Candomblé e por conta disso ela ficou é... um mês, vinte dias afastada e todos os dois tiveram dificuldades no conceito para passar de série e quando foi no conselho de classe, o primeiro nome citado foi o nome do rapaz... do aluno que era evangélico, e não tem nota para passar, porque faltou muito... todos os professores na sua totalidade falaram assim: “não, porque ele é evangélico, e sexta-feira ele não pode vir”. Eu nem sabia que era depois de seis horas da tarde, depois que o sol se põe, porque é o sábado, mas começa a contar a partir... depois... a partir do sol que se põe na sexta-feira e ele foi aprovado. Logo em seguida veio a aluna que também tinha uma quantidade enorme de faltas e

que essas faltas acarretariam em prejuízos e que seria reprovada e quando chegou o nome dela, unanimemente, alguém falou assim: “Ela se afastou porque foi para o Candomblé fazer a cabeça”. E todo mundo, ninguém foi a favor dela, reprovou a aluna. Foi quando eu me manifestei: “Se vocês aprovaram, aprovaram um aluno anterior, por conta de religião, então vocês também são obrigados a aprovarem essa aluna, porque se vocês não aprovarem eu não vou concordar em aprovar o aluno anterior e aí, foram os dois alunos aprovados. É uma característica, um fato óbvio de discriminação, né? Racial, religiosa e outras... tem outras, varias... (Josemar)

Embora o professor não tenha especificado na entrevista o pertencimento etnicorracial dos alunos em questão, este fato de discriminação religiosa nos traz o pensamento acerca de quais são os referenciais valorizados, que são sempre ocidental, europeu e cristão e como os alunos pertencentes às religiões de matrizes africanas são estigmatizados, vistos de uma forma crítica, fruto do desconhecimento, do despreparo e de uma ótica perversa e racista. Pois na análise dos professores que avaliavam os alunos em questão, se estes seriam ou não promovidos de série, apesar de ambos terem o desempenho afetado devido algumas ausências no ano letivo, por causa de compromissos religiosos, o tratamento foi diferenciado. O aluno que pertencia à religião evangélica não seria punido com a reprovação, porém a aluna do Candomblé foi vista de forma diferente, com olhar discriminatório que poderia ter feito com que ela fosse reprovada se não fosse a intervenção do professor Josemar. Tal fato nos mostra que às vezes a escola, sem perceber, acaba perpetuando práticas racistas e discriminatórias, assim como nos diz Assis:

Os currículos das escolas estão baseados na cultura dominante, expressam-se na linguagem dominante e são transmitidos através dos códigos culturais de dominação, funcionando como mecanismo natural de exclusão de dominados, que por não verem sua cultura reconhecida, confirmam-se com o seu fracasso escolar e com a condição de dominados (ASSIS, 2006, p.14).

As crianças desde muito cedo percebem como são demarcados os lugares na sociedade e o que é considerado bom e ruim. Lembro-me que em num dos dias de estagio em 2010, no dia de Cosme e Damião, a escola estava vazia e eu perguntei se eles tinham fugido e um dos alunos me explicou que aquele dia era o dia de pegar doce, e assim que saísse da escola ele se juntaria com aos outros e correriam na vizinhança atrás das guloseimas. Ele me mostrou um saquinho com doces e disse que havia ganhado de uma vizinha e me ofereceu algumas balas, rapidamente eu ouvi a reação de alguns alunos que me informaram que aquilo era doce do diabo, pois era de macumba, mais uma vez eu fiquei desconcertada na frente dos alunos, pois confesso que naquele momento eu não respondi. Aliás, não toquei mais no assunto, não porque eu não

quisesse, mas as palavras me faltaram, só depois de ter refletido mais sobre este acontecimento que obtive a certeza de que o preconceito vai além da cor de pele, tipo de cabelo, ou seja, o fenótipo, embora este seja o mais marcante, mas também, tudo que se remete ao continente africano é visto como sendo ruim, inferior e considerado do “diabo”. A música, a religião, por exemplo, e o maior problema é que muitos educadores acabam reforçando essa perversidade ou por omissão, pois quando se deparam com cenas de preconceito preferem deixar pra lá, ou por não ter embasamento teórico, sentindo-se inseguros para resolver estas situações conflitantes, ou por também terem posturas racistas, tão naturalizadas socialmente, que não se dão conta.

Em entrevista com a professora Vanda Beatriz em uma de suas falas ela critica o preconceito racial que segundo ela é marcante no cenário escolar:

...ah, discriminação, bastante de professor para professor, de professor para aluno, de aluno para aluno, de chefia para professor e para aluno, é como? Vamos lá... em pequenas atitudes, em pequenas ironias... palavras de deboche, palavras de... diminuição, sabe? “Aquele neguinho, mas aquela pretinha...”...mas se não fosse assim uns debochinhas de algumas palavras que você vê que tem a ponta de, de... discriminação, discriminação, sim... algumas são veladas, outras não, outras não, de forma bem aberta, entendeu? (Vanda Beatriz)

Através das falas destes sujeitos podemos perceber o quanto se fazem necessárias as mudanças no campo educacional, visto que o racismo é estruturante e hierarquizante, e até mesmo os professores que seriam responsáveis por trazerem aos seus alunos uma educação democrática, acabam por ser reprodutores das desigualdades existentes.

Por isso com objetivo de mudar esta realidade, em março de 2003 foi sancionada a lei de nº 10.639, que alterou a LDB, Lei de Diretrizes e Bases. A referida lei reza que:

Em março de 2003, a lei n ° 10.639/03, que altera a LDB (Lei Diretrizes e Bases) e estabelece as diretrizes curriculares para a implementação da mesma. A 10.639 institui a obrigatoriedade do Ensino da História da África e dos Africanos no currículo escolar do ensino fundamental e médio. Essa decisão resgata historicamente a contribuição dos negros na construção “e formação da sociedade brasileira (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnico - Raciais e para o Ensino de História e Cultura (Afro - Brasileira e Africana, 2005, p. 08).

Esta lei é fruto de uma luta intensa do movimento negro, pois ela rompe com séculos de alienação e invisibilidade da história Africana que havia sido praticamente apagada dos livros didáticos, e negava a contribuição do negro na construção do país, negros e negras que durante séculos tiveram as histórias de seus antepassados roubada,

com as novas diretrizes curriculares, poderão ter acesso a uma educação mais justa e democrática.

Percepção da Lei 10.639/2003 pelos professores

Apesar da lei 10.639/2003 existir há oito anos, foi possível observar que alguns professores não tinham o conhecimento da lei, alguns até informaram que já tinham ouvido falar ou foram orientados a trabalhar com a lei sem terem conhecimento profundo sobre ela ou trabalhavam somente porque a matéria pedia que se trabalhasse. E, quando perguntados se na escola existia algum projeto que trabalhasse na perspectiva da lei, as respostas dos professores variavam:

... que eu saiba não, aliás, eu não conheço nenhuma escola que eu trabalhe e eu trabalho em três e que trabalhe com isso. Eu trabalho que a minha matéria manda e eu faço sempre questão de mostrar para eles como eu já mostrei que não existe uma raça negra... existe uma raça humana. Eu faço questão de mostrar para eles isso, entendeu? (Sheila).

Nesta fala a professora frisa que procura mostra para os alunos que somos todos iguais, possivelmente para amenizar conflitos de caráter racial para que os alunos não se sintam diminuídos pelo seu pertencimento etnicorracial, apesar disso não foi possível perceber como é trabalhado a potencialidade do continente Africano e as contribuições deste povo em nossa sociedade.

Tal postura, que a professora demonstra nesta situação é apenas um exemplo, pois reflete um trabalho que pressupõe a acomodação e não a transformação da realidade etnicorracial que se evidencia nas desigualdades sociais em que o segmento negro da população está sempre em desvantagem em relação ao segmento branco. Os dados estatísticos vêm evidenciar a necessidade de uma ação antirracista, pois em uma sociedade multirracial, *a disparidade conforme nos diz Henriques em relação à distribuição da escolaridade entre negros é significativamente pior que entre brancos* (2002, p.35)

Além disso, ele nos diz o quanto a discriminação contribui para injustiça social: *A intensa desigualdade racial brasileira, associada a formas usualmente sutis de manifestação da discriminação racial, impede o desenvolvimento das potencialidades e o progresso social da população negra* (2002, p.12).

Portanto, negar as diferenças, dizendo que todos são iguais, invisibilizando-as, tem servido, historicamente, para hierarquizar e dominar, reservando na sociedade

lugares de menor privilégio e *status* ao segmento negro e, tal fato, não ajuda a modificar a situação de racismo.

O professor Josemar diz em seu depoimento:

Existem propostas, a secretaria de educação não possui uma coordenação para implementar esta lei, por conta disso ela não funciona como deveria funcionar, deveria partir da secretaria de educação, o que é uma lei visto que é uma rede municipal de ensino, né? Então, assim como existe coordenadoria de ensino religioso que ao me ver não tem importância nenhuma para a educação, deveria ter uma coordenadoria de implementação de políticas públicas onde estivessem inclusive incluídos, ah, o que norteia a lei, esta lei que trata de... da cultura afrobrasileira (Josemar).

O professor reclama da ausência de uma coordenação pedagógica da própria secretaria de educação, que auxilie no cumprimento da lei. Ele também reclama que o trabalho do professor acaba por ser solitário, como se cada um tivesse que fazer a sua parte, mas esta parte acaba não construindo o todo...

...o maior desafio é que o nosso trabalho é solitário. Até por que este ano mesmo a escola resolveu adotar como tema anual a cultura afrodescendente, mas cada professor que vai manifestar o seu trabalho, você que vai realizar o seu trabalho deveria ser um, uma atividade mais amarrada, mais discutida, mais elaborada (Josemar).

Diante disso percebemos que, embora a lei exista, também existem alguns percalços pelo caminho, como professores que não conhecem a lei ou que não sabem como trabalhar, ou por não ter capacitação, ou porque necessitam que a coordenação pedagógica seja mais eficaz e que os projetos sejam melhor discutidos com a participação de todos.

Pelo que pude perceber, a única professora que informou que trabalha com a lei, é justamente uma professora negra, a Wanda Beatriz. Durante o tempo em que passei na escola, a professora me mostrou várias atividades realizadas com alunos, atividades estas que tratavam da contribuição do negro na sociedade brasileira, questão de identidade racial, e como os alunos negros se vêem. Uma das atividades que mais me tocou foi quando em uma de nossas conversas informais ela me disse que fez o seguinte trabalho com os alunos: ela trouxe diversas figuras, recortes de jornais e revistas e colou cartazes na sala com essas figuras, que continham mansões, carros do ano, televisão de plasma, eletrodomésticos e paralelamente, figuras de favelas, móveis quebrados etc. Ela expôs as figuras aos seus alunos e fez a seguinte pergunta: o que o negro pode ter, ou qual dessas coisas pode pertencer ao negro? E a surpresa que ela obteve é que em uma turma em que mais de 80% dos alunos eram afrodescendentes, muitos apontaram a

favela como sendo lugar para o negro viver, e de todas as coisas que foram apontadas a de pior qualidade era destinada ao negro. Poucos foram os que disseram que os negros também poderiam usufruir de comodidades, de um bom emprego, etc. Uma das questões que a professora levantou com este trabalho foi a que os alunos tinha uma baixa autoestima, não enxergavam sua potencialidade, como se fosse um conformismo a chamada profecia autorrealizável, em que você diz para o sujeito que ele não é capaz, e ele acaba por acreditar nisso, trazendo para si essa incapacidade. Assim, a sociedade racista limita e diz até onde você deve ir, e ainda diz mais: que alguns lugares não podem ser ocupados pelos negros, e isso é passado de um modo sutil que chega a ser cruel, pois muitos acabam adquirindo essa postura para si e assumindo e incorporando essa realidade que irá acompanhar sua caminhada e determinar suas ações.

Foi justamente por isso que a professora assumiu o compromisso de fazer este trabalho no sentido de desmistificar, pois para ela a importância da lei não se resume a ficar no papel mais sim, ser aplicada no dia-a-dia no contexto escolar, não esperando somente uma situação conflituosa para trabalhar estas questões com os alunos nem conteúdos disciplinares específicos para tal.

Pois assim, conforme nos diz as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004)

Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Têm que desfazer mentalidade racista e discriminatória secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações etnicorraciais e sociais, desalienando processos pedagógicos (2004, p.15).

No entanto, mesmo que se concorde e se entenda a urgência da implementação da lei 10.639/03, fazer este trabalho não é fácil, pois quando se mexe com questão racial você acaba tirando a pessoas do lugar cômodo em que elas vivem, onde fingem acreditar que existe uma democracia racial, por isso a professora Wanda que fez este trabalho com os alunos recebeu algumas críticas de alguns funcionários da escola. E, segundo a dirigente de turno, teve até um pai que foi à escola saber o que tinha acontecido, pois afinal de contas ela toca em um assunto que todos fogem que é o “racismo”. Isto mostra o porquê de todos os professores entrevistados somente uma professora negra ter dito que consegue trabalhar com a lei e diz mais, quando lhe foi perguntado sobre a dificuldade da aplicação da lei ela narra o seguinte: *ela é de fácil*

implementação como qualquer outro material que tenha, mas a aplicabilidade dela, mas há uma grande resistência... (Vanda Beatriz).

A professora reconhece que o problema não é a lei, mas sim, a resistência de alguns professores em trabalhá-la e ela cita que a resistência se dá:

... por parte da escola, por parte do corpo de professores, e é uma questão muito individual... não é um trabalho individual, é uma lei que traz uma questão... uma questão... como eu vou dizer... atual, histórica também, mas há uma grande resistência em sua aplicação (Vanda Beatriz).

A professora em sua fala toca em um ponto importante quando ela nos diz sobre a questão que a lei traz, pois é uma questão que toca, mas muitas vezes, toca somente um segmento da sociedade, muitas pessoas tratam essa questão de racismo como sendo uma questão de negro/para negro, é importante que se tenha a consciência de que esta questão atinge a todos, pois conforme nos dias Nilda Lino Gomes em suas reflexões: *Pensar a relação entre escola e identidade negra é questionar não só os negros sobre a questão racial, mas também os sujeitos que pertencem a outros segmentos étnico/raciais com os quais eles convivem* (GOMES, 2002, p. 7).

O que podemos ver é que umas das grandes dificuldades na educação e fazer com que esta questão tão peculiar se torne objeto de discussão e faça parte da grade curricular, e o professor incorpore em suas práticas cotidianas as *microações afirmativas* que, segundo Jesus (2004) são práticas de caráter antirracista realizadas no microespaço que é a escola.

Sabemos que isso engloba além de comprometimento do educador, estudos e reflexões e a certeza da importância deste trabalho, pois a escola tem a obrigação de fazer com que todos, independentemente do seu pertencimento étnicorracial, se sintam acolhidos e possam exercer com dignidade a sua cidadania.

Assim, Silva frisa o processo do enegrecimento da educação, não no sentido de abolir das escolas as contribuições européias, mas ela nos diz que:

Com o enegrecimento da educação se propõe escola em que cada um se sintam acolhido e integrante, onde as contribuições de todos os povos para a humanidade estejam presentes, não como lista, seqüência de dados e informações, mas como motivos e meios que conduzem ao conhecimento, compreensão, respeito recíprocos, a uma sociedade justa e solidária (SILVA, ANO, p.27).

Com essa fala a autora nos mostra a importância da educação e o papel que a escola ocupa como medida de superação do preconceito racial, e ela ainda nos diz que no processo de enegrecer, *educam-se superando a arrogância dos que se tem como*

superiores e o retraimento dos que são levados a se sentir inferiorizados (ibid.) e é neste sentido que a lei 10.639/2003 e as microações afirmativas operam ,tendo como objetivo a valorização e o respeito da diversidade etnicorracial para a consolidação da democracia brasileira.

Conclusão

Essa pesquisa teve como propósito compreender como são estabelecidas as relações etnicorraciais na escola, e como crianças e adolescentes negros e não negros se vêem, se reconhecem e reconhecem o outro, bem como, compreender através de que referenciais de identificação eles constroem suas identidades.

Através das atividades elaboradas, entrevistas e observações realizadas, também foi possível perceber que embora na sociedade ainda impere o “discurso” da democracia racial e a escola acabe por reproduzir este pensamento, na “prática”, o preconceito racial é ainda marcante no cenário escolar, muitos dos alunos negros não se sentem à vontade e nem se assumem como negros. Nas relações cotidianas nós, do segmento negro da população, continuamos sendo taxados/as como inferiores, embora isso não seja falado pela escola, de forma explícita, ela acaba corroborando com este pensamento quando silencia e se omite frente a práticas racistas.

O que se pode perceber é que embora se reconheça o racismo, pois muitos professores, funcionários e alunos em sua fala disseram já ter presenciado alguma cena de preconceito, isso acaba sendo naturalizado e, muitas vezes, tido como brincadeira de criança. Tal fato faz com que se viva sempre um círculo vicioso, que nunca tem fim, trazendo uma lógica perversa que é a de que criança pobre = criança incapaz e criança negra pobre = mais incapaz ainda.

Para Jesus (2004):

Pode parecer sutil, mas há uma violência que nega aos negros e negras aceitarem e afirmarem seu pertencimento étnico-racial nesta sociedade, mesmo que o discurso seja o que vivemos numa democracia racial e de que não há país que tenha dado tão certo como o Brasil, no sentido de acolher e manter a convivência pacífica e harmoniosa das diferentes etnias/ raças (p.224).

Embora no âmbito educacional tenha havido um avanço com a Lei 10.639/2003 que institui o ensino da História e Cultura da África e Afro-brasileira no país, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas econômica, social e política do Brasil, podemos perceber a dificuldade dos professores de trabalharem com a lei por desconhecer a temática, ou por não saber como fazer.

O presente trabalho monográfico não teve como intenção avaliar as práticas pedagógicas dos professores, mas buscou perceber como a escola, de maneira geral, tem trabalhado com a diversidade etnicorracial presente em seu cotidiano. No entanto, vimos que alguns professores culpabilizam a secretaria de educação ou a própria

coordenação da escola pelo não cumprimento efetivo da lei, e em nenhum momento se cobrando e avaliando suas práticas para que esta fosse cumprida.

Neste trabalho eu pude perceber que teremos um longo caminho pela frente para que se possa realizar a tão desejada transformação a fim de romper com modelos educacionais que negam aos alunos conhecerem as suas origens, pois isso é de grande benefício tanto para alunos negros como para não negros.

Entre os negros, poderão oferecer conhecimentos e segurança para orgulharem-se da sua origem africana, para os brancos, poderão permitir que identifiquem influências, a contribuição, a importância *da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionar com as outras pessoas, notadamente as negras* (Parecer CNE, 2004, p.10).

Por isso embora a caminhada seja longa, se faz necessário que os educadores e o campo educacional tenham práticas concretas no sentido da valorização das identidades etnicorraciais, para transformação desta realidade que exclui os afrodescendentes e os impedem de construir sua identidade em uma sociedade que acaba desqualificando seu pertencimento etnicorracial.

Referências Bibliográficas

- ASSIS, Mariza de Paula. A questão racial na formação de professores na perspectiva dos docentes da FFP. Niterói, 2006 – tese de mestrado apresentada a UFF.
- BÂ, A. H. 2003. *Amkoullel, o menino fula*. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas.
- _____. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (org.) *História Geral da África*. São Paulo: Ática, 1982. Paris: Unesco, 1980.
- ⁵ BODGAN, R. & BIKLEN, S. K. 1982. *Qualitative Research for education*. Boston, Allyn and Bacon, Inc.
- FAZZI, Rita de Cássia. 2004. *O Drama Racial de Crianças Brasileiras: Socialização entre Pares e preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica.
- FERNANDES, Florestan F. 1978. *A integração do Negro na Sociedade de classes*. Volume 2 – 3ª edição. São Paulo: Ática
- GOMES, Nilma Lino. 2005. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei Federal nº 10.639/03*. Secretaria de educação continuada Alfabetização e Diversidade-Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação continuada. Alfabetização e Diversidade 236 p. (coleção Educação para todos).
- _____. *Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?* (p.40-51). *Revista Escola da Educação* - Nº 21. set/out/Nov/dez 2002. Rio de Janeiro: Anped/Autores associados.
- HENRIQUES, Ricardo. 2001. *Desigualdade Racial no Brasil: Evolução das Condições de Vida na Década de 90*. Texto para Discussão nº 807. http://www.ipea.gov.br/pub/td/td_2001/td0807.pdf (acessado em 24/01/2005).
- _____. 2002. *Raça e gênero nos sistemas de ensino: os limites das políticas universalistas na educação*. Brasília: UNESCO.
- JESUS, Regina de Fatima. 2004. *Mulher negra alfabetizando que palavramundo ela ensina o outro a ler e a escrever?* Tese de Doutorado em Educação Campinas: Unicamp.
- _____, Rosilene Vieira Costa. *Ações e Micro-Ações Afirmativas - Diálogos a partir do Cotidiano Escolar*. 2010. III Congresso Internacional Cotidiano-diálogo sobre diálogos [agosto 2010].
- MAZZOTTI, Alda Judht Alves & Fernando Gewandsznajder. 2004. *O planejamento de pesquisas qualitativas o método nas ciências naturais e sociais pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira.

MUNANGA, Kabengele.2002. Construção da Identidade Negra no Contexto da Globalização.In *Relações Raciais e Educação:Temas contemporaneos*.Editora Eduff Niterói,RJ:2002 (p .73-93).

PAIXÃO, Marcelo. Ranking dos cem (100 maiores Municípios negros do Brasil http://www.laeser.ie.ufrj.br/pdf/nota_02.pdf data de acesso 12/12/2010.

SEYFERTH, Giralda. 2002. O beneplácito da desigualdade: breve digressão sobre racismo. In: SEYFERTH, Giralda, SILVA BENTO, Maria Aparecida *et al.* 2002. *Racismo no Brasil*. São Paulo: Abong, Ação Educativa e ANPED.

SILVA. Petronilha Beatriz Gonçalves e.2010. Estudo Afro-Brasileiros: Africanidades e Cidadania. Coleção Cultura negra e identidade.

SILVA, Tomas Tadeu da. 1999. *Documentos de identidade*. Uma introdução as teorias de currículos.Belo Horizonte autentica 152p.

SOUZA, Neusa Santos Souza. 1990 *Torna-se Negro*. Rio de Janeiro: Graal, 2º edição.

ANEXOS

Entrevistas realizadas no Ciep 45 do Portão do Rosa, em Maio de 2011

1.1. Entrevistada: Professora Tânia, (professora de Ciências)

Entrevistadora: Michelle

Michelle: Primeiro eu vou me apresentar eu sou a Michelle já falei que sou aluna da UERJ, estou fazendo um trabalho para a monografia, o trabalho aborda a questão etnicorracial e a lei 10.639... você poderia se apresentar por favor?

Tânia: O meu nome é Tânia, sou professora de Ciências, trabalho na rede há 22 anos e aqui no CIEP estou começando hoje.

Michelle: ok, obrigada por ter aceitado me ajudar tendo aceitando o convite para entrevista. Então, Sônia. (Tânia),Tânia, você conhece a lei 10.639/2003, você já ouviu falar a respeito desta lei?

Tânia: não

Michelle: esta lei, é uma lei foi sancionada em 2003 e ela fala da obrigatoriedade de se trabalhar com ensino da África e relação etnicorracial e as raízes e matrizes africanas no na matéria de historia, Arte e nas outras matéria também, principalmente nessas, então...é ... como você esta começando hoje eu não vou perguntar se você sabe ou se participa de algum projeto,mais de qualquer forma você acha que seria importante trabalhar com essa lei de ensino de obrigatoriedade do ensino da áfrica nas escolas?

Tânia: eu acho que sim, por que nossa cultura é bem misturada né e o nosso pais é..bem dividido assim entre brancos e negros e a cultura negra é uma cultura linda sabe, a gente tem muito que aprende mesmo, por que vem das nossas origens que nós temos a origem..nós temos a origem né? Todo mundo tem o seu pezinho na áfrica e agora como teve jogos foi muito importante na minha escola ,fizemos tipo uma feira e milhões de trabalhos cada um mais lindo que o outro,comidas,foi muito bom e eu acho muito interessante, até mesmo para a gente acabar um pouco com esse preconceito que existe né (ok) que a gente diz que não existe mais a gente sabe que no fundo existe..e

Michelle: então Tânia muitas pessoas não tem um conhecimento profundo da lei você acha que há algum desafio para que essa lei seja cumprida? Acha que vai ser de fácil implementação nas escolas? Acha que é fácil trabalhar no caso com essa questão?

Tânia: eu não acho que vai ser difícil não, é um desafio sim, mais eu não acho que vai ser difícil não, pois eu acho que todo mundo tem... está muito aberto pro novo né, e..digamos que..é sempre uma curiosidade da gente querer saber mais é um desafio claro! Sem duvidas vai encontrar algum tipo de resistência e todos os projetos que você for fazer sempre vai ter algum tipo de resistência mais a maioria vai apoiar vai ajudar e vai fluir facilmente.

Michelle: e você com esses vinte e dois anos de magistério, você já presenciou é... pois você já falou aqui que embora a sociedade negue a sociedade de certa forma é racista,

mas você já presenciou é ... alguma forma de discriminação no ambiente escolar nesses 22 anos de magistério?

Tânia: já, claro mais entre os próprios alunos, né, um com outro implica com o cabelo. agora mesmo um implicou com outro por causa do cabelo e o outro saiu chorando, e tem aquela coisa a minha filha ela não é negra quer dizer nem sei se ela é negra por que a gente nem sabe mais a gente acha que é branco e não é e ela não tem o cabelo assim tão ruim .digamos cabelo é bem enroladinho, cachos mais ela tem trauma até hoje do cabelo por que acho que quando criança as pessoas, as criancinhas mesmo né, implicavam muito com ela sabe, ela tem mania de fazer prancha, por que ela acha que tem que ter o cabelo liso, como se o cabelo liso fosse o padrão (olha eu com o meu aplique aqui,..) exatamente mais ai, ai você mesmo que cria isso em você, né olha meu filho é deficiente físico, meu filho era, por que ele faleceu e aí a questão do deficiente também é outra questão, eu saia de cadeiras de roda na rua tinha sempre um carro parado na rampinha para subir na calçada, a falta de respeito é você atravessar uma rua e as pessoas não paravam ,então existe preconceito também as pessoas ficavam olhando só que não tinha ...eu ia para todos os lados com ele passeava mais eu conheci mães que tinham vergonha de sair com os seus filhos na rua e isso ainda existe, as pessoa se dizem muito modernas, muito planejadas ,mais elas são ainda meio preconceituosas (isso é verdade né que pena)

Michelle : então, Tânia muito obrigada

Tânia: espero que eu possa realmente ter contribuído, desculpe pois aqui nessa escola eu estou começando hoje (nada) não tenho experiência nenhuma assim ainda com eles né eu quero agradecer a você...

Michelle: obrigada por que 22 anos de magistério é muita experiência é não necessariamente aqui na escola mais você pode ajudar bastante, muito obrigada tá bom (nada) obrigada pela contribuição

Tânia: obrigada você.

1.2. Entrevistada: Professora Juliana do Projeto (Mais educação)

Entrevistadora: Michelle

Michelle: professora... do Mais educação, né? Está no projeto há muito tempo?

Juliana: aqui na escola eu estou há mais de um ano, mas eu trabalho com o projeto há três anos.

Michelle : qual o seu nome?

Juliana: Juliana

Michelle: Juliana... Juliana posso colocar o seu nome mesmo, né?

Juliana: pode, sem problema

Michelle: ok

Michelle: Então, Juliana você conhece a lei 10.639?

Juliana: conheço só não cheguei a ler, mas conheço, mas eu conheço, já ouvi falar dela.

Michelle: e você acha importante trabalhar com essa lei você acha que é de fácil implementação?

Juliana : eu acho que já deveria ter sido implementada há muito tempo, né? Porque a cultura do brasileira até mesmo como a professora falou é mista, então é necessário que os alunos conheçam essa cultura mista e aprendam a ser respeitar a respeitar as diferenças e as varias culturas e sociedades que foram implementadas no Brasil.

Michelle: ok e assim... no projeto, no seu projeto Mais educação vocês já fizeram alguma coisa a respeito de... das relações etnicorraciais, tem algum projeto... pretende trabalhar...

Juliana: eu pretendo trabalhar, eu estou trabalhando muito agora a percussão corporal pra ver se eu consigo é passar esta questão da questão da percussão mesmo que é bem africana que é... é bem como eu posso dizer ...é bem africana e bem brasileira é um gingado próprio então quando eu não trabalho com instrumento eu procuro trabalhar com percussão que é que eu trabalho só com musica

Michelle: ...é você como... como professora né como educadora está sempre na escola você já presenciou é discriminação no ambiente escolar? Você percebe, você consegue perceber isso?

Juliana; a gente sempre presencia né,por mais que às vezes não seja na maldade o que eles falam mais eles acabam sempre soltando uma piadinha no momento de raiva,eles sempre acabam se ofendendo então é uma coisa que a gente tem que tentar buscar alguma forma pra parar com isso e sem se repreender tem que ser uma forma educativa,uma repreensão educativa por que só brigar no momento não adianta tem que ser um trabalho continuo com eles na sala de aula.

Michelle: e às vezes na raiva na discussão entra muito a questão racial, né?

Juliana: sempre aqui então que é uma comunidade carente que a maioria dos realmente são negros e então entra a questão racial e a questão social socioeconômica né um fica com deboche com o outro por causa dessas duas coisas,sendo que estão todos na mesma situação, né?

Michelle: na mesma escola, né?

Juliana: isso...

Michelle: muito obrigada.

1.3. Entrevistada: Janete (auxiliar de serviços gerais)

Entrevistadora: Michelle Almeida

Michelle: boa tarde eu (Boa tarde) sou a Michelle, e trabalho desculpa, estudo na faculdade da UERJ e estou fazendo um trabalho para saber o que vocês acham a respeito da lei..qual o seu nome mesmo?

Janete: Janete

Michelle: seu nome é Janete? Você trabalha aqui há muito tempo Janete?

Janete: Dois anos...

Michelle: dois anos sempre trabalhou em escola? Ou é a primeira vez...

Janete: a primeira vez mais eu já estou a cinco anos na escola

Michelle; já tem cinco anos que você trabalha em escola, né?

Janete: é eu já trabalhei em outras escolas mais agora estou nessa.

Michelle: ah tá! Então... Janete, como eu havia falado com você eu estou entrevistando todos, né, da escola como um todo... já fiz trabalho com os alunos, entrevistamos os professores e os funcionários também para sabermos o que os funcionários acham ...é... o que eles observam na... na educação na escola, então meu projeto é sobre relação racial... sobre preconceito, então como você vê muitos alunos, você observa... você já observou... você..., primeiramente eu gostaria de perguntar se você acha que existe racismo?

Janete: existe sim... existe e... inclusive quando a professora demorou a chegar então a gente fica tomando conta das crianças porque não pode deixar eles sozinhos aí tem um aluno que ficou chamando a outra de macaca, cabelo é... de pixaim aquela coisa né... realmente a garota ficou ela é só que a garota era escura igual a ele, só que é chato, né ? aí eu conversei com ele e falei não faz isso você é a da mesma cor dele... dela, você é da mesma cor dela por que você está fazendo isso ..isso é racismo é isso da cadeia hein... aí ele danou a rir né acha uma graça disso (achou que era uma brincadeira) é achou que era uma brincadeira é,... eu chamei a atenção dele né..e também conversei com ela falei olha se você tem o cabelo duro,tem outros que quer ter o cabelo duro e não tem, entendeu... eu meu cabelo era fininho mais devido eu tomar muito remédio meu cabelo ficou rebelde mais se o meu cabelo fosse igual ao seu eu ia ser uma pessoa satisfeita sabe por que a gente deve se conformar com o que Deus nos dar entendeu?...é aquilo que ... se você nasceu assim é assim que tem de ser é não é a outra pessoa que vai vir mudar a opinião

Michelle: então, Janete você acha que, Janete vamos continuar ? (vamos) existe um projeto de lei que já foi aprovado em 2003 que diz que fala para os professores trabalharem com essa temática de relação racial na escola, claro que você não é professora mas você observa se a escola tem algum projeto, se a escola trabalha com isso com em relação aos os alunos? Você observa se a escola trabalha você ver

Janete: não, eu não vejo trabalhar (trecho incompreensível)

Michelle: mas você acha importante, né?

Janete: eu acho muito importante, por que aí não gera tanta briga não gera violência, pois ninguém gosta de ser chamado de crioulo, macaco, de carvão, igual algumas crianças chamam as outras

Michelle: essas brigas acontecem muito envolvem muito a questão racial, né?

Janete: envolve ... muita coisa e se ninguém tomar providência

Michelle: você também vê ao contrario o aluno negro discriminar o aluno branco também?

Janete: já vi...j á e também

Michelle: mas o que é mais comum?

Janete: comum assim seu macaco, cabelo duro está entendendo tipo essas bobeirinhas de criança (mais ai já é) é uma brincadeira de mau gosto mais a gente adulto sabe que é uma brincadeira de mau gosto.

Michelle: e você como profissional? Você falou que intervêm quando você vê, né? quando você, quando você vê, você chama atenção, né?

Janete: eu brigo eu digo não faz isso essa pessoa é tão ser humano como você... né? e eu digo isso é ridículo, você não deve fazer isso,sabe eu chamo muito a atenção (tem que fazer isso..) né chamar a atenção da pessoa.

Michelle: está bom, Janete, muito obrigada, tá?

Janete: nada.

Michelle: muito obrigada, tá.

1.4. Entrevistada Professora Vanda Beatriz

Entrevistadora Michelle Almeida

Michelle: Pronto... agora você sabe que é sobre o projeto da monografia e eu gostaria de saber de você é... em relação à lei 10.639, você trabalha com a lei, você conhece?

Vanda: conheço, trabalho e não vejo aplicabilidade em todo os sistema escolar de ensino no meu município não..

Michelle: e você acha que essa é de fácil aplicação essa lei?

Vanda: é claro, é a realidade brasileira

Michelle: e qual é o trabalho que você está desenvolvendo ou fale um pouquinho do trabalho que você já desenvolveu a respeito da lei 10.639.

Vanda: Através de discussão de textos, de música, de situações de sala de aula, de jornal, reportagem de futebol, que tem situações de enfiamento que envolve a questão racial... e principalmente em sala de aula que é muito comum.

Michelle: então, assim, eu vou te perguntar se você acha que tem preconceito no ambiente escolar, você já me respondeu... e você também trabalha muito com a questão em sala de aula e você acha que é... você observa, neste tempo que você tem de magistério é muito comum... é o preconceito... esses problemas de discriminação? ocorrem com muita frequência?

Vanda: ocorre com frequência com aluno com aluno, aluno com professor, funcionário com aluno... funcionário com funcionário, professor com professor, isso é uma coisa comum.

Michelle: professora, eu gostaria que você se apresentasse agora no início da entrevista

Vanda: meu nome é Vanda Beatriz, tenho 46 anos, 20 no município de São Gonçalo e mais sete anos na rede particular.

Michelle: ok, obrigada, então a gente já conversou anteriormente de maneira informal... agora vai ser gravado e eu gostaria que você me informasse se você conhece a lei 10.639 e... se você já ouviu falar dessa lei?

Vanda: é claro, essa lei faz parte do da grade curricular do nosso trabalho aqui da escola, eu aplico... eu tento aplicar de uma forma mais constante eu a conheço desde o seu lançamento, desde a sua outorgação.

Michelle: isso que eu ia perguntar para você, Vanda, se você acha que essa lei é de fácil implementação?

Vanda: ela é de fácil implementação como qualquer outro material que tenha, mas a aplicabilidade dela a uma grande resistência.

Michelle: Por parte da escola?

Vanda: por parte da escola, por parte do corpo de professores, e é uma questão muito individual ... não é um trabalho individual, é uma lei que traz uma questão... um, a questão ... como eu vou dizer... atual, histórica também, mas há uma grande resistência em sua aplicação.

Michelle: é, bem, na escola existe algum projeto com as crianças para se trabalhar matrizes africanas, você repara isso na escola?

Vanda: foi dada uma sugestão no início do ano letivo, na primeira semana de fevereiro, foi dada uma sugestão porque, a ONU vai falar muito esse ano todo do... em todo momento sobre o ano internacional da afrodescendência, é o tema da ONU, foi colocado isso para nós na primeira reunião de planejamento, aí foi sugerido que o professores trabalhassem, eu não vejo nenhum professor trabalhando nem no primeiro nem no segundo segmento, eu como já tinha uma proposta de continuar o trabalho que eu já estava fazendo desde o ano passado eu continuo fazendo hoje integrando ao meu trabalho curricular.

Michelle: ok. E na sua opinião qual o maior desafio para implementação desta lei, para que esta lei seja cumprida você já falou mais ou menos isso?

Vanda: eu acho que é ... o profissional da educação o cidadão brasileiro se despir do seu preconceito é para ser cumprido a pessoa tem que... é aquela pergunta que foi feita onde você guarda o seu racismo, você em quanto cidadão responder ... se responder... e aí essa lei pode ser aplicada na integra.

Michelle: ok... agora a pergunta que eu vou te fazer é se você acha que há discriminação no ambiente escolar?

Vanda: ah, bastante, ah, discriminação bastante, de professor para professor, de professor para aluno, de aluno para aluno, de chefia para professor e para aluno, sabe como? Vamos lá ... em pequenas atitudes, em pequenas ironias... palavras de deboche, palavras de... diminuição: sabe aquele neguinho, mas aquela pretinha... mas se não fosse assim uns debochinhos de algumas palavras que você vê que tem a ponta de, de... discriminação, discriminação, sim... algumas são veladas outras não, outras não de forma bem aberta, entendeu?

Michelle: entendi, então ok, na verdade o complemento da pergunta é... se você já presenciou e se você já foi vítima de preconceito você já respondeu, mas eu queria que você esmiuçasse um pouquinho mais..

Vanda : olha é... vítima de preconceito no espaço escolar várias vezes, nesse momento, nessa unidade escolar que eu trabalho pois eu trabalho em duas unidades escolares...é eu tento me impor como profissional, que a única forma de eu... lutar contra isso é fazer um bom trabalho, e aí eu mostro que mesmo não gostando da minha pessoa, da minha cor da minha pele, nem das minhas opiniões... eu, aquela palavra “vai ter que me aturar” então vai ter que me aturar por que eu faço um bom trabalho, eu cobro... de meus alunos das pessoas que trabalham comigo, cada um a sua parte, então, então eu tenho que conviver com o preconceito não adianta, não adianta porque não tem outra forma, isso não vai acabar não tenho esta ilusão e a forma de lutar contra isso... é você ser um bom profissional, tá...? sabendo se impor, e sabendo lidar com essas atitudes, sabendo lidar... tem que saber lidar, é um enfrentamento... tem que saber lidar com isso.

Michelle: obrigada, professora, a gente já tinha conversado informalmente e eu escrevi algumas coisas anteriores e agora, obrigada pelo seu tempo aí cedido.

Vanda: ah, que isso, seu trabalho também tem contribuído para o meu trabalho com os alunos... tá bom? Muito obrigada, também...

1.5. Entrevistada: Professora Sheila de (Historia e Geografia)

Entrevistadora: Michelle Almeida

Michelle: Bom dia, Professora, gostaria de agradecer por tem concedido um pouco do seu tempo para podermos realizar essa entrevista, como eu já havia falado anteriormente eu estou fazendo uma pesquisa aqui na escola para o meu trabalho monográfico, e já fiz um trabalho com os alunos, mas também, também faz parte as entrevistas com professores, as perguntas foram estruturadas e eu gostaria que você se apresentasse, por favor.

Sheila: meu nome é Sheila, sou professora de história e geografia há 38 anos.

Michelle: ok, bem, obrigada Professora. Você conhece a lei 10.639... já ouviu falar?

Sheila: é a lei contra o preconceito racial, né?

Michelle: isso, essa lei, de certa forma, obriga as escolas a trabalharem com o tema da África e matrizes africanas em seu cotidiano, então você acha que é de fácil implementação esta lei?

Sheila: Acho, acho, eu pelo menos não tenho dificuldade.

Michele: e na escola em si, existe algum projeto para trabalhar com as crianças matrizes africanas?

Sheila: que eu saiba não, aliás, eu não conheço nenhuma escola que eu trabalhe e eu trabalho em três e que trabalhe com isso eu trabalho que a minha matéria manda e eu faço sempre questão de mostrar para eles como eu já mostrei que não existe uma raça negra... existe uma raça humana eu faço questão de mostra para eles isso entendeu?

Michelle: e qual é o maior desafio para que essa lei seja cumprida? Na sua opinião...

Sheila: respeito, mas não é só do professor entre eles, eles mesmos não se respeitam entre eles ... eles não tem e se sentem humilhados simplesmente porque um é mais branco que o outro não são brancos vamos botar assim entre aspas só por que um é mais negro que do outro, tá certo? Eles sentem o outro que é mais negro, se sente diminuído, então a gente tem que ter o trabalho de explicar que a única a diferença dele é a pele, se tirar a pele vai ficar o cor de rosa igual a todo mundo eu costumo sempre comparar eles com sabe aquele coelhinho, que a gente compra inteiro no supermercado? aí eu pergunto para eles que cor era o coelho? Ué, professora... Que cor era o coelho que está aqui ele podia ser branco, preto, marrom (risos) mais ele tirou aquela pele que era uma casca então eles se sentem menores por causa da cor.

Michelle: e assim em relação esta lei mesmo, da escola trabalhar ...

Sheila: não, as pessoas tem vergonha da cor, não é que não considere importante elas tem vergonha aí quando eu digo aqui na sala ah eu gostaria tanto de ser mulata, eu

gostaria por que eu casei com negro eu tenho uma filha branca igual a mim e uma que é mulata igual a você,então eu digo sempre a duas teriam que ser mulatas, entendeu? E que pena que eu não sou... porque é a realidade. Do mesmo jeito que eles acham que deveriam ser brancos, nós brancos também acharíamos que devíamos ser mulatos entendeu, então esse negócio de porque eu sou superior, porque eu sou branco superior em quê? Só por que você... vamos botar assim: eu sou pobre, eu também sou pobre e sou branca (risos) então eles se sentem humilhados pela cor então a diferença está e, você chegar até eles a dificuldade muito grande e mostrar para eles que eles são iguais a todo mundo então quando a gente consegue é muito forte então você a realmente querer alguma coisa da vida então eu já tive uma aluno que disse para mim professora eu não vou ser nada na vida, eu disse por quê? Eu sou preto, pobre e meu pai é bandido e minha mãe trabalha na zona. Esse garoto hoje é engenheiro, eu disse para ele, ué, mas só por causa disso, ele disse: a senhora não acha muita coisa não? Eu disse: não, você não é burro, não é idiota, sua vó está te criando e te criando muito bem, por que você tem... Não vai ser nada na vida? Ah, por que sou preto. É mesmo? que coisa, hein... esse menino hoje é engenheiro. Ele disse que nunca mais esqueceu o que eu falei para ele, que bom a gente ouvir isso Michelle... muito bom..

Michelle: Você respondeu mais ou menos, mas eu gostaria que você esmiuçasse,você acha que há discriminação no ambiente escolar? Por que é um assunto que as vezes...tem pessoas que preferem dizer que não...

Sheila: mas tem...

Michelle: Então na sua opinião existe preconceito no ambiente escolar? Você já presenciou ou já foi vitima de preconceito? Pois quando falo em preconceito eu quero dizer...

Sheila: Em relação a tudo, em relação a tudo, porque eu costumo dizer que o cara que é preconceituoso, ele é preconceituoso em religião, ele é preconceituoso com raça, mentira? na cor da pele dele... ele é preconceituoso porque ele pode morar em uma casa com dois quartos, e o outro em uma casa de um quarto só, ah, porque eu moro na rua cinco e o outro na rua, na rua 30 entendeu? Entendeu? pelo local de moradia deles... então isso aí você ver todo dia, você já experimentou ir lá, ao Rio e tentar abrir um crediário... São Gonçalo, você mora em São Gonçalo? as pessoas falam como se São Gonçalo fosse o Bangu III, como se são Gonçalo fosse um presídio. Então este tipo de preconceito, coisas que a gente sente, entendeu? E eu senti na minha pele quando casei com meu marido, é... você é casada com ele? eu disse: sou, mas a sua filha que é a minha mais velha e é branca, mas sua filha não é filha dele, não? E eu disse: por que não, se não é dele, é de quem, do lixeiro? ...Que pula o muro do meu quarto toda noite? E eu sei de e, e quando a minha outra nasceu, que é bem mulata: Ué, é sua filha mesmo? Aquilo me irritava, honestamente, me irritava, já minha filha brincava com isso. Ela quando chegou, quando foi à reunião dela de colégio, ela chegou,,no Henrique Lage, mas a sua mãe é aquela branca? Aquela branca, aquela moça branca? Aí a Heloisa... bem, se ela me pariu eu não sei, mas ela cuida de mim (risos) paga minhas contas, me leva para o médico, se ela não é minha mãe mesmo eu não quero nem saber, entendeu? quer dizer, ela também sofria com isso, só que ela rodava a baiana, como diz o outro e saia bem na brincadeira...

Michelle: Na situação escolar entre os alunos, como é que você faz para interferir, como você trabalha isso com seus alunos?

Sheila: eu pergunto se ele é diferente... é professora... é diferente em querer ... o prof.. quero saber se você é diferente em quê? Eu sou diferente pois fulano é menino e eu sou mulher, meu sexo é diferente do dele e o resto? é diferente em quê? Aí eles ficam te olhando assim... como se nunca tivessem ouvido alguém falar aquilo ou como se nunca tivessem se questionado aquilo, porque eles são altamente preconceituosos, o adolescente em si... ele já é ... já tem o...

Michelle: o motivo também de eu ter escolhido essa faixa etária de 10 a 14 anos que estão se transformando e que estão se reconhecendo...

Sheila: é sim, se reconhecendo, pois quando ele é menor, ele não tem divisão, quando ele começa a crescer, ele começa e a lá aquele neguinho... e ala aquela bichinha... e olha lá aquela mulher macho, só que são todos crianças e são iguais ... eles não tem diferença, entendeu e eles se magoa muito,muiiito mesmo

Michelle: utilizando a questão racial?

Sheila: tudo! Eles se magoam tem criança que começa a ficar... encolhida, sabe como é? Você sente a que ali na sala, que eles ficam assim meio encolhidos, mas você começa trazer aquela criança, começa conversar com aquela criança, começa mostrar para ele que ele é igual a todo mundo,não é a cor dele, não é o sexo dele que não é onde ele mora, que ele é uma criança um ser humano igual a todo mundo, isso é difícil Michelle... isto é muito difícil,porque em casa acontece a mesma coisa, entendeu a própria casa, a criança vem de casa com isso,é muito difícil, é muito mesmo, é um trabalho a muito longo prazo, muito longo prazo

Michelle: agora para terminar você já respondeu também, mas, você considera importante,voltando a temática, né?você considera importante, voltando à temática né trabalhar a temática em sala de aula por que faz parte da matéria mesmo. Então se você acha valido porque até então o conteúdo que se tinha sobre a história da África era o mínimo miserável então a criança automaticamente ela se vê... ela não queria se identificar de ser descendente de um continente que é miserável, então eu acho que o intuito agora não é mostrar somente... não é ignorar que também existe a miséria na África, pois existem muitos países europeus que também convivem com a miséria..

Sheila: Estados Unidos, tem na Inglaterra,t em na Polônia tem, na Espanha, Portugal em todo lugar do mundo tem miséria , tem pobre no mundo inteiro isso aí é besteira dizer assim é por que não é... eles tem características as pessoas tem que prestar atenção que a África é um continente que são 54 países ali dentro, tem países mais desenvolvidos e tem países menos desenvolvidos e tem que ser respeitado.

Michelle: ok..

Sheila : entendeu? Até tem uma coisa que eu costumo dizer para eles... eles também brigam muito por Causa de religião e eu costumo dizer Para eles vem cá..como é que Deus era ué Fessora cabelos encaracolado..de barba esse aí é Jesus,como é que Deus

era? Como é que Deus é?...ah não sei...que cor era Jesus? Ué, Fessora... Que cor era Jesus..por que a senhora esta me perguntando isso? Ai eu respondo... ele é de um país Africano por que ele nasceu la né... que cor era Jesus? Ué, loiro, de olho azul! É mesmo? Isso aí foi os Estados Unidos que inventou, um filme que botou Jesus loiro de olho azul, eles ficam parados, sabe? Eles não raciocinam, eles raciocinam de acordo com que eles vêem, e eles fazem muito... até com religião, aquela religião ali é religião de preto, por que é religião de preto?... é porque é macumba, quer dizer então que lá só tem preto, branco não... Ué, Fessora ... você sabia Caetano Veloso é espírita? Você sabia que Chico Buarque de Holanda é espírita? Ué, professora, você sabia disso? Eles associam as coisas erradas, por isso que é muito... mas muito difícil Michelle, muito difícil lidar com isso...entendeu? Aí você pegar para eles assim para eles poderem sentir

Michelle: obrigada, foi muito valida, obrigada.

1.6. Entrevistado: Professora Josemar (Língua Portuguesa)

Entrevistadora :Michelle Almeida

Michelle: Professor, eu gostaria que você se apresentasse um pouquinho, falasse quanto tempo você tem de magistério, seu nome, você já se apresentou formalmente para mim...

1.6 Josemar: bem, eu sou o professor Josemar trabalho na rede Municipal de São Gonçalo há 22 anos, já fui diretor de algumas escolas, da rede municipal e hoje estou aqui lecionando a disciplina de língua portuguesa.

Michelle: Professor, obrigado, você conhece a lei 10.639... já ouviu falar...

Josemar: Já... já ouvi falar

Michelle: você acha que essa lei é de fácil implementação?

Josemar: ela até é de fácil implementação, agora necessita de uma coordenação , de uma orientação maior para implementar e as atividades que ela propõem.

Michelle: então na escola existe algum projeto para trabalhar com as crianças sobre matrizes africanas? E na sua matéria também existe algum projeto?

Josemar: existem propostas, a secretaria de educação não possui uma coordenação para implementar esta lei, por conta disso ela não funciona como deveria funcionar, deveria partir da secretaria de educação o que é uma lei visto que é uma rede municipal de ensino, né? Então, assim como existe coordenação de ensino religioso, que ao me ver não tem importância nenhuma para a educação, deveria ter uma coordenação de implementação de políticas públicas onde estivessem inclusive incluído haaa o que norteia a lei esta lei que trata da cultura afro-brasileira.

Michelle: então, professor, qual é o maior desafio na sua opinião para que essa lei seja cumprida, aí você pode continuar esmiuçar mais?

Josemar: o maior desafio é que o nosso trabalho é solitário, até por que este ano mesmo a escola resolveu adotar como tema anual a cultura afrodescendente, mas cada professor que vai manifestar o seu trabalho, ver que vai realizar o seu trabalho deveria ser um, um uma atividade mais amarrada, mais discutida, mais elaborada, daí eu por exemplo trouxe até um filme, trouxe até um filme esta aqui comigo... para poder passar para os alunos ... e trata de. .. é um filme, ele trata de uma discriminação onde uma, onde uma, uma escola temos uma escola onde uma menina branca... é uma inversão, onde uma menina branca, né, ela é discriminada ela é... porque ela que é a pobre...

Michelle: de Joel Zito, Vista minha pele??

Josemar: exatamente...

Michelle: eu passei para eles

Josemar: interessante, né? Onde ela é a que é... ha aaa discriminada, né, que a cultura... dominante... nesse filme é a negra, né?

Michelle: a negra, né?

Josemar: é o pobre seria o branco

Michelle: o branco, né?

Josemar: você passou para eles?

Michelle: passei.

Josemar: eu tô até aqui com esse filme e vou trabalhar com eles, você passou para eles? e a proposta da escola este ano é trabalhar a cultura, é afrodescendente ... mas essa é uma atividade gratuita minha, eu é que trouxe... por que eu quis ... a escola não passou nenhuma orientação.

Michelle: no caso é um trabalho seu solitário, né?

Josemar: solitário de cada professor então eu acho que deveria ser mais discutido mais é... o serviço de coordenação deveria trazer é... orientações, trabalhos efetivos para nós implementarmos, pesquisas ... enfim, pra isso que é a coordenação, né? e a secretaria de educação também não... não essa mesmo está muito distante, quando foi implementada esta lei no início nós tivemos até enviado pelo governo federal um kit, né? é de DVDs de fitas, de livros como era o nome do projeto... eu esqueci... minha mente esta muito falha então nós passamos também... tinha uma questão da globo que falava era até o Serginho Groisman, que falava que tinha uma participação neste kit, que só tratava de cultura negra não nos aceitamos ... fomos obrigados não sei se essa divulgação estava relacionada a uma questão de verbas para a secretaria, então esse projeto foi divulgado depois disso tudo se acabou.

Michelle: então, professor, você acha que há discriminação?

Josemar: da cor da cultura

Michelle; ah sim..

Josemar: desculpa, o projeto é A cor da cultura, né...

Michelle; Professor, você como professor observa se a discriminação no ambiente escolar?

Josemar: sempre... racial, sexual, cultural... sempre, sempre, sempre eu por exemplo sou espírita do candomblé e quando falo isso para os alunos, eles se surpreendem, entendeu? E eu faço questão de falar não tenho nenhum problema em dizer isso, como também vejo eles historicamente... discriminando um ao outro com o apelido de tiziu, de macaco, né ... eles também entre eles tem muitos preconceitos entre eles.

Michelle: e você, interfere de alguma forma, procura interferir?

Josemar: procuro sempre interferir até por que a fala do professor e a fala da educação, né? Então eu procuro sempre interferir corrigir, respeite o seu colega, isso não é modo de você se dirigir ao seu colega, procuro sempre dar essas intervenções educativas, e ao mesmo tempo explicando que você não deve julgar uma pessoa pela forma dela ser, por uma o jeito de ela ser ou pela cor da pele dela, ou por alguma manifestação religiosa dela enfim..mais sim pelo conhecer dela pra ...pela, pela... pelo caráter dela.

Michelle:então uma pergunta que complementa a outra se há você já falou que há discriminação no ambiente escolar ... então assim, claro que você já deve ter presenciado então você já presenciou, muitas cenas discriminação no cotidiano escolar, você acha que o professor também sofre preconceito, preconceito de uma forma muita ampla, né?

Josemar: eu vou contar uma que aconteceu comigo eu era professor também sofre lógico, eu era professor, já faz alguns anos isso... eu vou resumir de uma turma eu dava aula de português também e uma aluno... tinha há um aluno que ele era adventista do sétimo dia por conta disso sexta-feira ele não, ele não assistia aula porque depois de seis horas depois do pôr do sol ele não poderia então ele ficou o ano inteiro faltando na sexta-feira e tinha uma outra aluna que se afastou para se iniciar no candomblé e por conta disso ela ficou, é, um mês, vinte dias afastada e todos os dois tiveram dificuldades no conceito para passar de série e quando foi no conselho de classe o primeiro nome citado foi o nome do rapaz... do aluno que era evangélico, e não tem nota para passar, por que faltou muito... todos os professores na sua totalidade falarão assim não porque ele é evangélico, e sexta-feira ele não pode vir eu nem sabia que era depois de seis horas da tarde, depois que o sol se põem por que é o sábado mais começa a contar a partir depois a partir do sol que se põem a sexta-feira e ele foi aprovado, logo em seguida veio a aluna que também tinha uma quantidade enorme de faltas e que essas faltas acarretariam em prejuízos e que seria reprovada e quando chegou o nome dela unanimemente alguém falou assim ela se afastou porque foi para o candomblé fazer a cabeça e todo mundo, ninguém foi a favor dela, reprovou a aluna, foi quando eu me manifestei: se vocês aprovaram, aprovarão um aluno anterior por conta de religião, então vocês também são obrigados a aprovarem essa aluna porque se vocês não aprovarem eu não vou concordar em aprovar a aluna anterior e aí foram os dois alunos

aprovados, é uma característica um fato obvio de discriminação, né? Racial, religiosa e outras tem outras, várias.

Michelle: candomblé é uma religião da cultura Africana então será que não é por isso que é mal visto pelas pessoas?

Josemar: sim... porque o negro, ele entrou historicamente, ele entrou pelas portas dos fundos da nossa, sua nossa ... sociedade visto que...seu digo pelas portas do fundo na função de que entrou na condição, é, absurda de escravo, né, por isso tudo que vem de origem do negro é visto de forma discriminatória, né? inclusive com o candomblé, a música, o samba, né, de origem negra, tem uma certa discriminação que são também da condição social, né?

Michelle : professor, muito obrigada, obrigada pela entrevista.